UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE

Catiane da Silva Marques

PROGRAMA TRAVESSIA:
UM OLHAR SOBRE OS ASPECTOS EMOCIONAIS DA ADOÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS SEGUROS

Santa Maria, RS
2022

Catiane da Silva Marques

PROGRAMA TRAVESSIA:
UM OLHAR SOBRE OS ASPECTOS EMOCIONAIS DA ADOÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS SEGUROS

Dissertação de Mestrado apresentada ao curso de Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Saúde.

Orientadora: Profª. Drª. Aline Cardoso Siqueira

Santa Maria, RS
2022
Catiane da Silva Marques

PROGRAMA TRAVESSIA:
UM OLHAR SOBRE OS ASPECTOS EMOCIONAIS DA ADOÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS SEGUROS

Dissertação de Mestrado apresentada ao curso de Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Saúde – Ênfase em xxxx

Aprovado em 30 de agosto de 2022:

_____
Aline Cardoso Siqueira, Dra. (UFSM)
(Presidente/ Orientador)

_____
Jussara Gloria Rossato, Dra. (UFSM)

_____
Cristina Saling Kruel, Dra. (UFN)

_____
Suane Pastoriza Faraj, Dra. (Parotti)

Santa Maria, RS
2022

Dedico esse trabalho ao meu filho, minha inspiração diária, que me instiga ser uma pessoa melhor todos os dias, que em tantos momentos teve que entender minha ausência, mas mesmo assim me recebia com o melhor abraço e o melhor sorriso, que depois da sua chegada me fez olhar com ainda mais carinho para as vinculações seguras e para as crianças e adolescentes acolhidos que foram privados desses vínculos.

AGRADECIMENTOS

A Deus que é amparo, luz e força em minha vida.

A minha orientadora, por acreditar em mim e no meu potencial quando até eu mesma duvidei; pela paciência, por compartilhar tanto conhecimento, por ser inspiração. Sem teu apoio e profissionalismo, com certeza eu não teria chegado até aqui.

À professora Cristina Kruel, por ser minha incentivadora desde a graduação, por me apresentar de forma tão sensível a adoção e as relações familiares, por seguir junto comigo, transmitindo segurança e me acolhendo nos momentos desafiadores da minha prática clínica.

Ao meu filho, meu pingo de gente e meu amor, obrigado por ter me escolhido e me fazer mais forte, é por você que eu busco ser a cada dia melhor.

Ao meu esposo Richas, meu maior admirador, que tanto me incentiva, que muitas vezes me carrega no colo quando acho que não tenho mais pernas para seguir, que sustentou minha ausência e abriu mão de projetos pessoais para que eu pudesse continuar, que foi amparo e acolhimento para o nosso filho nos muitos momentos que estive ausente.

A minha mãe, que não mede esforços. Sem tua dedicação, sem o teu amor e sem o teu amparo, com certeza eu não estaria aqui, por ser apoio incondicional, por ser minha maior incentivadora, por ter acreditado em mim quando há tantos anos eu quis sair da cidade pequena para estudar e você não mediu esforços, por ser fonte inesgotável de amor, minha eterna gratidão.

Ao meu pai (In memorian), que foi exemplo de homem, de pai, de esposo e que segue me inspirando mesmo em outro plano. Tenho certeza que no plano espiritual, você vibra com cada conquista minha e se enche de orgulho, para sempre meu herói.

A minha afilhada Mariany que é um dos meus maiores amores, que se interessa tanto pelo meu fazer na psicologia. Eu aprendo constantemente contigo, minha gratidão pelo teu olhar generoso, teu carinho e tua sabedoria que compartilha diariamente comigo.

A minha comadre e amiga Géssica, se não fosse teu compartilhar de experiências, teu olhar atento e cuidadoso, tua valorização das minhas potencialidades, é provável que esse dia não chegaria. Você que mesmo a distância enxergou em mim uma profissional que estava adormecida. Obrigada por dividir seus filhos comigo e entender minha ausência.

As minhas irmãs que dividem os filhos, a família, os perrengues, que me tiram do tédio e que dividem tantos bons momentos.

Aos meus sobrinhos, meus amores, os maiores presentes que minhas irmãs me deram, eu sou um ser humano melhor por vocês.

A minha amiga de longa data Jana, que me acompanhou em tantos momentos, obrigado pelos mates, pelas jantinhas deliciosas, pelo abraço e pela escuta quando eu estava prestes a explodir com tantas demandas.

A minha amiga e colega Fernanda que fez se tornar real a frase que eu usava ainda imatura na graduação: “da faculdade para vida”. Hoje dividimos o consultório, os casos, os projetos e a vida de empreendedora. Obrigada pelo teu carinho e acolhida

A minha sogra que foi essencial no início, que cuidou com tanto carinho do meu filho para eu estudar, por me esperar com uma comidinha gostosa quando eu estava cansada, por me acolher na família tão bem.

Ao meu sogro que é carinho constante, abraço apertado e que me dá o gostinho de ter um pai por perto, obrigada.

A minha colega de pós-graduação Suane, por ser exemplo de acolhimento, incentivo e inspiração, obrigado por compartilhar comigo tanto conhecimento.

Ao NAPS por proporcionar tantas trocas com alunos e profissionais incríveis.

Aos meus pacientes, por me permitirem aprender tanto e confiarem suas vidas em meu trabalho.

Aos pais e profissionais participantes da pesquisa, minha gratidão por me permitir aprender tanto, por compartilhar suas vidas e seus conhecimentos.

E por último, mas não menos importante aos meus amigos, que me permitem viver momentos especiais que me acolhem e me divertem.

RESUMO

PROGRAMA TRAVESSIA: UM OLHAR SOBRE OS ASPECTOS EMOCIONAIS DA ADOÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS SEGUROS

AUTORA: Catiane da Silva Marques
ORIENTADORA: Aline Cardoso Siqueira

A decisão pela adoção é um momento fundamental para a constituição da parentalidade adotiva, sendo a preparação para a chegada do novo membro à família um passo decisivo. Buscou-se compreender que aspectos psicológicos envolvem a adoção pela ótica dos profissionais atuantes nas diversas esferas do Sistema de Garantia dos Direitos da Criança e do Adolescente, a fim de sistematizar um programa de preparação para mães e pais adotantes. Trata-se de um estudo qualitativo, no qual participaram 18 informantes do campo da adoção, como juízes, psicólogos, coordenadores de grupos de apoio, entre outros. As entrevistas foram analisadas por meio da Análise de Conteúdo. A partir da escuta desses profissionais, notou-se que ainda existe uma fragilidade na preparação de mães e pais adotantes no que tange aos aspectos emocionais da adoção, o que pode indicar um risco no estabelecimento de vínculos seguros entre pais e filhos adotados e, por conseguinte, aumentar o risco de interrupções de adoções. No caso da filiação adotiva, é importante que esses pais estejam seguros e com as questões emocionais elaboradas para que consigam acolher e aceitar o filho com todas as demandas que ele suscitará, a fim de proporcionar um ambiente suficientemente bom, com cuidados satisfatórios que favoreçam o desenvolvimento integral da criança ou adolescente. Segundo os participantes, tanto a projeção de planos sobre a criança quanto a promoção de mudanças nos espaços físicos e na organização da família, bem como a abertura para falar sobre a história prévia da criança e o conhecimento sobre as etapas do desenvolvimento de cada criança/adolescente favorecem a vinculação, pois facilitam a identificação entre os pais com o filho que chega. Os relatos indicaram que a falta de preparo e/ou pouco conhecimento sobre a realidade das crianças adotadas podem favorecer a criação de expectativas irreais em relação a elas, dificultando a construção de vínculos seguros. Conclui-se que é preciso fomentar espaços para elaboração das questões emocionais dos pais, bem como a preparação dos mesmos, por meio de profissionais capacitados no que tange o assunto da adoção favorece o êxito na transição para a parentalidade adotiva.

Palavras- chave: adoção; preparação para adoção; Pais adotivos

ABSTRACT

TRAVESSIA PROGRAM: A LOOK AT THE EMOTIONAL ASPECTS OF ADOPTION AND THE BUILDING OF SECURE LINKS

AUTHOR: Catiane da Silva Marques

ADVISOR: Aline Cardoso Siqueira

The decision for adoption is a fundamental moment for the constitution of adoptive parenting, being the preparation for the arrival of the new member to the family a decisive step. From the perspective of professionals involved in the adoption process, we sought to systematize a preparation program for adopting parents. This is a qualitative study, in which 18 informants from the field of adoption participated, such as judges, psychologists, coordinators of support groups, among others. The interviews were analyzed using Content Analysis. From listening to these professionals, it was noted that there is still a weakness in the preparation of adoptive mothers and fathers regarding the emotional aspects of adoption, which may indicate a risk in the establishment of secure bonds between parents and adopted children and, therefore, therefore increase the risk of adoption interruptions. In the case of adoptive affiliation, it is important that these parents are safe and with the emotional issues prepared so that they are able to welcome and accept the child with all the demands that it will raise, in order to provide a good enough environment, with satisfactory care that favors the child's development. integral development of the child or adolescent. According to the participants, both the projection of plans on the child and the promotion of changes in the physical spaces and in the organization of the family, as well as the opening to talk about the previous history of the child and the knowledge about the stages of the development of each child/ adolescents favor bonding, as they facilitate the identification between parents and the new child. The reports indicated that the lack of preparation and/or little knowledge about the reality of adopted children can favor the creation of unrealistic expectations in relation to them, making it difficult to build secure bonds. It is concluded that it is necessary to promote spaces for the elaboration of the emotional issues of the parents, as well as the preparation of them, through trained professionals regarding the subject of adoption, favors the success in the transition to adoptive parenting.

Keywords: adoption; Preparation for adoption; Adoptive parents

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO..... 9
2 REFERENCIAL TEÓRICO..... 12
2.1 PERSPASSANDO A ADOÇÃO..... 12
2.2 MODALIDADES DE ACOLHIMENTO..... 14
2.3 TRAVESSIA PARA A PARENTALIDADE ADOTIVA 18
3 MÉTODOS..... 26
3.1 DELINEAMENTO E PROCEDIMENTOS..... 26
3.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA E LOCAL..... 26
3.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS..... 27
3.4 PROCEDIMENTOS E CONSIDERAÇÕES ÉTICAS..... 27
3.5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS..... 29
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO..... 30
4.1 PROGRAMA DE PREPARAÇÃO E INTERVENÇÃO PARA A PARENTALIDADE ADOTIVA **30**
4.1.1 Encontro 1- Quem é o seu filho que chega? Como me preparar para recebê-lo? 30
4.1.2 Encontro 2 - "Expectativas: vilãs ou mocinhas?"..... 32
4.1.3 Encontro 3- O lugar simbólico do filho na família..... 34
4.1.4 Encontro 4 - De filho adotivo ao filho, de homem/mulher a pai e mãe..... 36
4.1.5 Encontro 5 - A criança e o seu mundo: Importância da história de vida da criança/adolescente..... 37
4.1.6 Encontro 6- As crianças e suas fases: Do nascimento à adolescência..... 39
4.1.7 Encontro 7 - Encerramento 43
CONSIDERAÇÕES FINAIS 44
REFERÊNCIAS..... 47
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO..... 52
APÊNDICE B – ENTREVISTA 54
APÊNDICE C – AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL..... 55
APÊNDICE D – TERMO DE CONFIDENCIALIDADE..... 56
APÊNDICE E – E-BOOK DO PROGRAMA..... 57

1 INTRODUÇÃO

O processo de adoção sempre esteve mais relacionado aos interesses dos adultos, sem considerar os direitos das crianças e adolescentes envolvidos. O estado e o poder público demoraram a lançar um olhar e sistematizar o processo, a fim de atentar para os interesses da criança (NABINGER,2010). Foi somente com a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em 1990, que as crianças e os adolescentes tiveram seus direitos sustentados juridicamente. Após isso, aumentou o número de estudos sobre adoção, provocando uma quebra de paradigma, voltando o olhar para os interesses da criança e do adolescente (NABINGER, 2010; BRASIL, 2006).

No Brasil, o número de crianças e adolescentes que são afastados de suas famílias biológicas é relevante, de acordo com o Conselho Nacional de Justiça (CNJ, 2020). Entre os motivos que levam uma criança ou adolescente a ser afastada da família, pode-se encontrar o abandono, a negligência, violência sexual, física e psicológica, entrega voluntária dentre outros. Impossibilitadas de conviver com suas famílias, essas crianças e jovens passam a habitar as instituições de acolhimento, que se inserem como uma das medidas de proteção definidas pelo ECA. Tais instituições possuem como premissa básica o atendimento às necessidades destas crianças e jovens, zelando pela preservação dos vínculos familiares de origem e/ou a integração familiar substituta, medida que é tomada quando todas as outras tentativas de restabelecimento foram esgotadas (BRASIL, 2006).

De acordo com o ECA, a adoção é uma modalidade de colocação em família substituta, a qual garante plenos poderes parentais aos adotantes, caracterizando-se como último recurso depois de esgotadas as possibilidades de reintegração da criança à família de origem (BRASIL,1990). Para tanto, os pretendentes à adoção devem fazer parte do cadastro nacional de adoção e passar por uma avaliação e, após habilitados, devem realizar uma preparação psicossocial, por meio dos cursos e programas de orientação oferecidos por cada comarca. A lei não prevê os detalhamentos do que deve ser trabalhado nos programas, cabendo às equipes multiprofissionais dos Juizados da Infância e da Juventude (JIJ) do país conduzir cada etapa do processo (BRASIL, 2009a).

Esse novo paradigma valorizou a vinculação de parentesco afetivo, como nos casos de adoção, de modo que as novas organizações familiares passaram a se interessar por esse tipo de vínculo. Quando a família opta pela parentalidade adotiva, a espera pelo filho adotivo é marcada por grande expectativa, ansiedade e sentimentos ambivalentes. O encontro com o “filho real” muitas vezes se contrapõe com o “filho imaginado”. Quando o novo filho chega,

ele carrega na bagagem toda sua história e suas vinculações anteriores, assim como os pais têm uma história prévia à adoção, todas as expectativas e investimento nesse filho atravessam a transição para a parentalidade. Nem sempre as idealizações que os pais têm serão contempladas, de modo que essa complexidade exige uma elaboração dessa família recém constituída. Da complexidade de aspectos envolvidos na chegada de uma criança ou adolescente a uma nova família deriva a necessidade do manejo de comportamentos que serão reflexo de suas trajetórias até aquele momento, comportamentos os quais nem sempre corresponderão às expectativas das famílias. (COSTA e ROSSETTI-FERREIRA, 2007).

Sabe-se que durante o processo de adoção, os adotantes encontram fontes de apoio em grupos de apoio e incentivo à adoção, nos familiares e amigos e nos cursos disponibilizados pelo judiciário. Mas o suporte especializado oferecido, no pós-adoção ou durante o período de convivência por profissionais habilitados e capacitados no que compete à adoção irá proporcionar a esses pais uma escuta especializada que permitirá elaborar questões pertinentes ao processo de filiação e aspectos relacionados à parentalidade adotiva, dentre eles, expectativas irrealistas da maternidade ou paternidade, onipresença da família biológica, aspectos do desenvolvimento infantil, elaboração da infertilidade quando for o caso, dentre outros que possam surgir durante a execução do programa.

Proporcionar um espaço para elaborar as questões relacionadas à parentalidade pode reduzir as chances de uma adaptação mal sucedida e consequentemente o fracasso da adoção. Um programa que é conduzido por profissionais que possuem expertise no tema da adoção pode fortalecer os vínculos e viabilizar a transição para a parentalidade adotiva, além de proporcionar um espaço de escuta e acolhimento dos sentimentos, bem como prevenir desajustes nas relações familiares e no desenvolvimento emocional da criança ou adolescente. Os pais devem ter clareza dos motivos que levaram a optar pela adoção e elaborar esses sentimentos, que muitas vezes, são atravessados por conteúdos inconscientes, fantasias, desejos parentais e a expectativa que os pais têm em relação a esse filho. Neste ínterim, há a história da criança, que trocou de família, sofreu abandono, negligências ou outras formas de violência, podendo também somar-se aos momentos que vivenciaram longos períodos no acolhimento, todos esses fatores impactam na efetividade da transição para a parentalidade (BENTO, 2008; LEVINZON,2006).

Foi por meio da minha trajetória clínica, no contato com famílias que interromperam a adoção, por entender os danos emocionais causados tanto na criança como na família que surgiu meu interesse pelo assunto. Ao revisar as bases de dados SCielo, BVS e Google

acadêmico, foi possível notar que existe uma escassez de estudos que tratam sobre a viabilização de programas para famílias nos pós-adoção. Sabe-se que a equipe psicossocial do judiciário acompanha a constituição da nova família, a fim de verificar as condições de adaptação e vinculação socioafetiva da criança ou adolescente e de toda a família. Mas não tratam de questões específicas, envolvidas na transição para a parentalidade adotiva. Nesse sentido, o objetivo deste estudo foi compreender que aspectos psicológicos envolvem a adoção pela ótica dos profissionais atuantes nas diversas esferas do Sistema de Garantia dos Direitos da Criança e do Adolescente, a fim de sistematizar um programa de preparação para mães e pais adotantes. De modo mais específico, buscou-se compreender os impasses e desafios das relações parentais após a adoção; conhecer as demandas que chegam até o juizado da infância, acolhimentos e clínicas psicológicas particulares advindas dos adotantes no pós-adoção; sistematizar um programa de preparação para mães e pais adotantes visando o fortalecimento dos vínculos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 PERPASSANDO A ADOÇÃO

Antes de estruturar um programa de intervenção com pais e mães pela via da adoção, foi preciso estudar e pesquisar os aspectos envolvidos no tornar-se pai e mãe, descrevendo os fatores emocionais que permeiam esse contexto, além de falar sobre a história das crianças no Brasil. Desde o povoamento em 1530, as crianças já eram vistas nas grandes embarcações portuguesas do século XVI. Elas embarcavam a bordo na condição de grumetes, pajens ou órfãs do Rei. A presença das mulheres era rara, mas os pequenos estavam lá, acompanhando pais ou parentes ou com destino de casarem-se com pertencentes a coroa portuguesa. Dentro dos navios, essas crianças eram obrigadas a aceitar atos de sodomia e outros tipos de violência sexual dos marinheiros. Eram escravizadas e prostituídas até que viessem muitas vezes a óbito. As crianças eram vistas como fonte de mão de obra e serviçais de adultos e, desde esse momento, começaram a surgir as instituições para abrigar essas crianças (RAMOS, 2002, p.10).

Desse modo, em 1549 no Brasil Colonial, surgiram as primeiras instituições para o ensino de meninos, tanto de doutrina quanto de alfabetização, comandadas pelos jesuítas que recrutavam crianças pequenas das aldeias indígenas e vilarejos pobres para a formação religiosa e visavam transformar radicalmente suas vidas, abandonando seus costumes. Para serem crianças educadas e enquadradas na visão dos padres, poucas dessas crianças eram alfabetizadas, sendo em sua maioria, somente doutrinadas. Já os filhos da camada mais nobre da população recebiam instrução superior, sendo alfabetizados. Os jesuítas foram os principais agentes educacionais até metade do século XVIII (RIZZINI; RIZZINI, 2004, p.23).

Então, no século XVIII, surgiram a roda de expostos, assistência caritativa, modalidade de acolhimento que atendia bebês abandonados. Estas instituições duraram quase um século e meio e atenderam a milhares de crianças abandonadas. Foram criadas com o intuito de garantir que mulheres que não desejavam ou não tinham condições de criar seus filhos, pudessem deixá-los em um lugar seguro. Quem deixava seu filho na roda não era identificado, o que favorecia que as crianças fossem abandonadas lá, e não nas ruas, lixos e praças. Eram vistas também como possibilidade de sobrevivência para as crianças, podendo ter a sorte de um futuro menos desesperador (MARCÍLIO, 1997; RIZZINI; RIZZINI, 2004).

O atendimento às inúmeras crianças deixadas na roda de expostos era possível devido à criação externa, feita pelas amas de leite. Elas eram contratadas pela Santa Casa, ficando

responsáveis pela amamentação dos bebês. A maneira como a roda de expostos era conduzida aponta para o descuidado e desvalorização com a infância naquela época, como se o essencial para a criança fosse somente a alimentação, sem levar em consideração os danos emocionais sofridos por já estarem longe da família e as principais cuidadoras naquele cenário, as amas de leite, não eram preparadas para oferecer os cuidados básicos para as crianças que favorecessem o desenvolvimento emocional, social e cognitivo. A institucionalização por tempo estendido é o retrato da colonização, no qual as crianças e adolescentes não tinham voz e, como dificilmente tinham alguém que defendesse seus direitos, eram tratados desumanamente, vivendo uma infância aniquilada e indigna, perdendo um período crucial do desenvolvimento: a infância (RIZZINI; RIZZINI, 2004; POKER,2017; SCHACH,2015).

Com a independência do Brasil, as rodas de expostos continuaram funcionando, só que agora não mais sob comando da Igreja, e sim do Estado. Passaram de caráter caritativo para filantrópico e com essa transição, as casas ficaram em precárias condições para dar suporte aos bebês abandonados. Com essa situação, as casas dos expostos começaram a ter poucas condições para asilar as crianças lá deixadas. A rodeira recebia o bebê e já o encaminhava para a casa de uma ama de leite e a intenção era de que a ama ficasse com sua guarda até a criança completar 12 anos (MARCILIO, 1997).

Então, surgiram os chamados recolhimentos de órfãos, chefiado por religiosos. Esses asilos mantinham um funcionamento de confinamento, no qual o contato com o mundo externo era muito difícil. Para as meninas, o isolamento era ainda mais rigoroso, tendo como objetivo preservar a sexualidade. Os meninos aprendiam a lidar no campo e as meninas, a costurar além dos afazeres domésticos. Esse modelo permaneceu ainda no século XX, mesmo com a criação dos órgãos nacionais de assistência. Um deles foi criado em 1941, nomeado como o Serviço de Assistência a Menores (SAM) e mais tarde, a Fundação Nacional de Bem-Estar do Menor (FUNABEM), em 1964 (MARCILIO, 1997; RIZZINI; RIZZINI, 2004).

Somente com a aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em 1990, impuseram-se medidas que visavam o desenvolvimento pleno para crianças e adolescentes. As antigas instituições que abrigavam crianças chamadas de internatos-orfanatos ficaram denominadas de abrigos. Essa nova terminologia surgiu para que fossem extintas as práticas de institucionalização que se enraizaram ao longo dos anos em nosso país. As crianças tornaram-se sujeitos de direito, sendo que um deles é o convívio familiar e comunitário, buscando romper com a enraizada tradição de isolar a infância e juventude abandonada, violada e “desvalida” (RIZZINI e RIZZINI, 2004; BRASIL, 2006).

A Lei N° 12.010, conhecida como Nova Lei da Adoção, foi implementada em 2009 para fortalecer esse processo, enfatizando mais uma vez a importância do direito da criança ao convívio familiar e comunitário, trazendo algumas mudanças significativas em diversos artigos do ECA. O termo abrigamento foi modificado para acolhimento, sinalizando que a passagem da criança pela instituição deve ser temporária de no máximo dois anos. Os juízes passam a ter que justificar a entrada e saída das crianças e adolescentes nos acolhimentos institucionais e, a cada seis meses, a situação tem que ser reavaliada para ver a permanência ou não no acolhimento (ARPINI, 2013, p. 72).

Vidigal (2013) acrescenta que com a Lei N° 12.010/2009, criou-se o Plano Individual de Atendimento (PIA). Por meio desse plano, é feito um documento que consta toda a trajetória, informações, planos de atendimento, avaliações feitas por equipe interdisciplinar e previsões de atividades que serão feitas com a criança/adolescente e sua família. O documento "Orientações Técnicas: Serviços de Acolhimento para crianças e adolescentes" (OT, 2009) instrumentalizou os serviços de acolhimento para a prestação de serviço com mais qualidade. Compreendendo o que é esperado deles, estabelecem-se quatro modelos de acolhimentos: o abrigo institucional, casa-lar, família acolhedora e república.

Com a implementação do Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa de Crianças e Adolescentes à convivência familiar e comunitária por autoria do CONANDA/CNAS (2006), que visa promover o não isolamento de jovens institucionalizados e proporcionar a esses indivíduos lugar de reconhecimento dentro do sistema, contrapondo a estratégia de isolamento vigente até então. Este mesmo plano prevê ainda que crianças e adolescentes não sejam percebidos de forma fragmentada, devendo sempre se pensar em seu atendimento humanizado de forma integrada por meio de políticas públicas articuladas que visem garantir plenamente os seus direitos em direção ao verdadeiro desenvolvimento social.

2.2 MODALIDADES DE ACOLHIMENTO

Conforme o ECA (BRASIL, 2006), o termo instituição de abrigo deixou de ser utilizado, sendo substituído pela denominação "instituição de acolhimento", não somente pela relevância estética, mas por refletir uma nova postura diante do atendimento às crianças e adolescentes em situação de risco pessoal. Atualmente no Brasil, com a promulgação do ECA, as grandes instituições deixaram de existir e a proposta é que todas as modalidades de acolhimento reproduzam um ambiente mais próximo do familiar possível (BRASIL, 2006).

Cabe aqui ressaltar uma diferenciação entre instituições de acolhimento convencionais e a modalidade Casa Lar. Na modalidade de instituição de acolhimento convencional, encontram-se crianças e adolescentes em situação de risco pessoal ou social, os quais são cuidados por monitores e funcionários que exercem a função de promover os cuidados básicos de alimentação, higiene, educação, afeto e organização de rotina. Estes monitores revezam os turnos ao longo do dia e o número de crianças acolhidas varia de acordo com o tamanho do acolhimento e da quantidade de monitores que oferecem os cuidados (PRADA; WILLIAMS, 2007; FARIAS 2012).

A modalidade de Casa Lar diferencia-se da anterior por ter um cuidador de referência, chamada de “mãe social”. O objetivo desta estrutura é prover às crianças as suas necessidades básicas por meio do convívio familiar substituto, denominado “família social” ou apenas “mãe social”. A mãe social possui, entre as suas tarefas, a missão de promover o bem-estar afetivo de sua “família”. O diferencial desta modalidade de instituição de acolhimento é a maior aproximação entre a cuidadora e as crianças, proposta elencada pelo ECA, no que diz respeito à necessidade das crianças e adolescentes de contato afetivo com figuras estáveis (PRADA e WILLIAMS, 2007; FARIAS, 2012; ABAID e DELL'AGLIO, 2011).

Além destas, há o serviço de acolhimento em famílias acolhedoras. Nessa modalidade, o acolhimento é feito na residência da família acolhedora, que passou por um processo de cadastramento, seleção, avaliação documental, capacitação e acompanhamento. É uma modalidade de acolhimento de crianças e adolescentes afastados da família de origem mediante medida protetiva diferenciada, que pode ser entendida como regime de colocação familiar. As crianças e/ou adolescentes são cuidados em ambiente familiar, garantindo atenção individualizada e convivência comunitária, permitindo a continuidade da socialização. Ainda pouco difundida no país, esta modalidade de atendimento encontra-se consolidada em outros países, principalmente nos europeus, mas já com experiências exitosas no Brasil (FIGUEIREDO, 2015). O afastamento familiar está contemplado na Política Nacional de Assistência Social, sendo as modalidades de cuidados substitutos parte dos serviços de proteção social especial de alta complexidade.

Para se atender aos propósitos desta modalidade de atendimento, as famílias acolhedoras devem atuar como voluntárias, não sendo recomendada a remuneração pelos seus serviços. Porém, para atender às necessidades das crianças/adolescentes acolhidos, deverá ser viabilizado um auxílio material para as famílias acolhedoras, na forma de gêneros alimentícios, vestimentas, material escolar, remédios, etc., ou de subsídio financeiro – de

acordo com lei ou parâmetros locais que o regulamentem. No caso da opção por subsídio financeiro, este não deve ter caráter remuneratório e seu uso deverá ser centrado em suprir os gastos decorrentes da manutenção da criança/adolescente (INSTITUTO FAZENDO HISTÓRIA, 2016). Assim como os serviços de acolhimento institucional, os serviços de famílias acolhedoras devem organizar-se segundo os princípios e diretrizes do Estatuto da Criança e do Adolescente, havendo necessidade de uma equipe profissional qualificada e disponível para prestar os esclarecimentos necessários às famílias interessadas, desde o primeiro contato.

Ao considerar a existência de diferentes modalidades de acolhimento atualmente, para Abaid e Dell'Aglio (2011), o perfil e a história de cada criança ou adolescente podem ser determinantes para que seja escolhida a modalidade de instituições de acolhimento que melhor atendam às suas necessidades. Desta forma, percebe-se que proporcionar os cuidados necessários a estas crianças e adolescentes implica em muito mais do que apenas cuidar, sugerindo-se o exercício de um papel parental. Hoje o cuidador é concebido como responsável pelo cuidado integral dos jovens acolhidos às instituições, situação que exige constante manejo e articulação diante de situações estressantes que podem sobrecarregar o profissional e resultar na fuga deste, na medida em que não suporta trabalhar neste local (ABAID e DELL'AGLIO, 2011).

Quanto às questões legais da adoção, de acordo com o artigo 39, §1° do Estatuto da Criança e do Adolescente, a adoção é medida excepcional e irrevogável, a qual se deve recorrer apenas quando esgotados os recursos de manutenção da criança ou adolescente na família natural ou extensa. De acordo com o CNJ (2020), a adoção é um processo gratuito e deve ser iniciado na Vara de Infância e Juventude mais próxima de sua residência. A idade mínima para se habilitar à adoção é 18 anos, independentemente do estado civil, desde que seja respeitada a diferença de 16 anos entre quem deseja adotar e a criança a ser acolhida. Algumas comarcas já contam com o novo Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento, no qual é possível realizar um pré-cadastro com a qualificação completa, dados familiares e perfil da criança ou do adolescente desejado. Após o cadastro é realizada algumas etapas:

1°- A análise de documentos

2º- Avaliação da equipe interprofissional, no qual os postulantes à adoção são entrevistados e avaliados por uma equipe técnica do poder judiciário que visa analisar e conhecer as motivações e expectativas dos adotantes, a realidade sócio familiar e

identificar qual lugar o filho adotivo ocupará na dinâmica familiar, além de sanar dúvidas quanto ao processo de adoção.

4º - Participação nos programas de preparação para a adoção, que também é um dos requisitos previsto no ECA e tem a pretensão de oferecer aos adotante conhecimento sobre a adoção tanto jurídico quanto psicossocial.

5º- Análise do requerimento, em que após ter realizado as etapas anteriores o juiz irá proferir sua decisão, deferindo ou indeferindo a habilitação, que tem validade de 36 meses e pode ser renovada pelo mesmo período.

6º- Ingresso no Sistema Nacional de Acolhimento e Adoção, posterior ao deferimento do pedido, os dados do postulante são inseridos no sistema nacional, observando-se a ordem cronológica da decisão judicial.

7º- Construindo novas relações, quando se busca uma família para uma criança/adolescente cujo perfil corresponda ao definido pelo postulante, a ser contatado pelo Poder Judiciário, respeitando-se a ordem de classificação no cadastro. Será apresentado o histórico de vida da criança/adolescente ao postulante e, se houver interesse, será permitida aproximação com.

8º- Momento de construir novas relações, caso a aproximação tenha sido bem-sucedida, o postulante iniciará o estágio de convivência. Nesse momento, a criança ou o adolescente passa a morar com a família, sendo acompanhados e orientados pela equipe técnica do Poder Judiciário. Esse período tem prazo máximo de 90 dias, prorrogável por igual período.

9º - Uma nova família, a partir do dia seguinte a data do término do estágio de convivência, os pretendentes terão 15 dias para propor a ação de adoção. Caberá ao juiz verificar as condições de adaptação e vinculação socioafetiva da criança/adolescente e de toda a família. Tendo as condições favoráveis, é proferida a sentença de adoção e determina a confecção do novo registro de nascimento, já com o sobrenome da nova família. Nesse momento, a criança/adolescente passa a ter todos os direitos de um filho. O prazo máximo para conclusão da ação de adoção será de 120 dias, prorrogáveis uma única vez por igual período, mediante decisão fundamentada da autoridade judiciária.

De acordo com uma pesquisa do CNJ (2020), há muito mais famílias pretendentes à adoção do que crianças elegíveis para serem adotadas. Ocorre que a maior parte dessas crianças não corresponde ao perfil indicado pelos adotantes, que em sua maioria preferem

crianças brancas e menores de três anos de idade. Em função disso, Freitas (2018) atenta para o fato de que o tempo na fila de espera pode ser mais longo, de modo que o processo de habilitação para adoção demora em média 120 dias é extremamente prolongado em razão do perfil desejado pelos postulantes.

2.3 TRAVESSIA PARA A PARENTALIDADE ADOTIVA

A busca pela adoção pode ser motivada por inúmeras questões, e todas elas necessitam de uma elaboração pessoal do adotante, para que se sinta preparado para não somente ter um filho, mas sim acolher e aceitar o filho com todas as demandas que ele suscitará. A criança que será adotada já possui um histórico de abandono que precisa ser levado em consideração pelos adotantes, visando ao êxito na consolidação da parentalidade adotiva e no desenvolvimento saudável da criança ou adolescente (SAMPAIO et al., 2020; LADVOCAT, 2014; VERDI,2010).

O termo parentalidade começou a ser usado no Brasil pela psicanálise na década de 60, com intuito de dimensionar o processo de construção do exercício da relação de pais e filhos. Esse campo do saber já era alvo de estudo de outras áreas, mas é na Psicologia e na Psicanálise que os estudos envolvendo as mudanças do psiquismo, que produz no sujeito o tornar-se pai e mãe (ZORNING, 2010).

Para abordar a parentalidade, é importante considerar o termo família, que na década de 60 ainda era um conceito fechado, formado por pessoas com laços consanguíneos. O termo evoluiu e se ampliou, passando a considerar os novos arranjos familiares, visto que os próprios avanços da ciência, como métodos anticoncepcionais, fertilizações in vitro, doações de espermas, barriga solidária e até mesmo a clonagem exigiram uma quebra de paradigma. O que antes era levado em consideração para ser família, um homem e uma mulher que se uniam a fim de procriar, hoje já não é a única maneira. Além desses avanços, o modo de viver da sociedade também se modificou, surgindo diversas recomposições familiares, têm-se famílias recasadas, homoafetivas, monoparentais, sendo que esses diversos arranjos atravessaram também o conceito de parentalidade. Da mesma forma, com os papéis exercidos pelos adultos responsáveis pela função parental também se modificaram, como compartilhamentos de funções, nos quais ambos são responsáveis por oferecer um ambiente satisfatório para a transição para a parentalidade. Antes da chegada do filho, quando os pais inscrevem o filho em seu desejo, passam a reviver a sua própria infância, as brincadeiras e as

fantasias, ao tornar-se pai e mãe, vem à tona a criança que se foi um dia (ZORNING, 2015; ROUDINESCO, 2003).

Ao tornar-se pai ou mãe pela via da adoção, o casal também vivencia esses sentimentos com especificidades que não se encontram na filiação biológica. A possibilidade da dissolução e da não criação de vínculos afetivos é real. E esses fatos aparecem muito mais nas adoções tardias, pois a criança ou adolescente já se posiciona, negocia as regras impostas, o que muitas vezes pode colocar a maternidade ou paternidade em prova, gerando uma dúvida se realmente desejam ser pais dessas crianças (MACHADO; FÉRES-CARNEIRO; MAGALHÃES, 2015).

A parentalidade é um processo psíquico que tem início no desejo de ter um filho e acontece simultaneamente ao processo de filiação, visto que não existe parentalidade sem um filho real. Na adoção, esse processo acontece quando há uma ruptura dos vínculos com a família de origem, o que abrange luto e separação. Os pais que optam pela parentalidade por adoção só serão pais se esse filho tiver essa descontinuidade. Isso envolve uma intensa reorganização psíquica por parte desses pais. É preciso reconhecer como filho uma criança ou adolescente gerado pelo outro, além disso, muitas vezes precisam elaborar o luto de não ter conseguido gerar um filho biológico, a exemplo de casais inférteis (COSTA e ROSSETTI-FERREIRA, 2007).

O intenso trabalho psíquico também acontece com a criança/adolescente, que dependendo da idade e das circunstâncias que vivenciou no início da sua vida, pode exigir mais. Contudo, em todos os casos, houve uma quebra no ciclo geracional e os pais adotivos assumem um papel na reconstrução de sua história de vida. Para tanto, é necessário um investimento potente para construir e validar os vínculos construídos que irão compor essa nova história e corroborar para uma transição efetiva da parentalidade adotiva (MACHADO; FÉRES-CARNEIRO; MAGALHÃES, 2015).

Importante considerar que a construção da parentalidade inicia-se antes de acontecer de fato o encontro pais e filhos, de modo que a história de vida dos pais, o desejo de tornar se pai e mãe, os conteúdos conscientes e inconscientes são potentes para a construção do lugar que esse filho ocupará na dinâmica parental. A maneira como esses pais imaginam as características emocionais da criança pode estar ligada à história prévia que a criança traz com ela, os pais já imaginam que essa criança sofreu perdas, negligência e quebra de vinculações, desse modo, o filho imaginado pelos pais no contexto da adoção pode vir carregado de características ligadas a essas vivências pregressas que exigem preparo desses pais para

lidarem com a história da criança. Assim sendo, os recursos que os pais utilizam para lidar com essas questões, a exemplo de participar de grupos de apoio à adoção, pesquisar, buscar informações, preparar o ambiente físico e as elaborações das suas questões emocionais favorece para o êxito na construção da parentalidade (HUBNER & SIQUEIRA,2010; MORELLI, SCORSOLINI-COMIN & SANTEIRO,2015; BRODZINSKY & SMITH, 2019)

Além disso, alguns autores defendem a importância da construção de vínculos em famílias adotivas, que no caso de ausência de laços consanguíneos, ocorre tão somente pela fala.

> São construídas através de quatro práticas de comunicação: nomear (indicar o status da família através das qualificações dadas aos membros da família, por exemplo, referir-se à mãe adotiva como "mãe" e a mãe biológica como "mãe biológica"), discutir (que implica divulgações contínuas sobre a situação familiar, a família adotiva e / ou a família biológica), narrar (que supõe a construção por parte dos pais de uma história de adoção para a criança adotada) e ritualizar (que legitima a adoção por meio de celebrações e atividades diárias) (GALVIN, 2003 APUD RUBIO E AGOGLIA, 2006. p.01).

As narrativas no contexto da parentalidade adotiva têm um duplo sentido e servem como alicerce nessa transição tanto para os pais quanto para os filhos. As quatro práticas citadas acima auxiliam os pais na sua vivência, na qual eles superam lutos e elaboram a sua experiência emocional e os filhos se sentem inseridos na cadeia geracional, por meio das narrativas familiares que legitimam sua história. Para que essas narrativas sejam potentes, é necessário que o filho tenha contato com sua história real, sua origem biológica e esteja ciente da impossibilidade de um saber pleno. Ele irá vivenciar as fantasias dessa falta de completude da sua história, isso, exigirá dos pais uma capacidade empática de escutar, narrar e ritualizar as origens da criança/adolescente adotado (MACHADO *et al*., 2019).

Verdi (2010) infere que retomar a história da criança adotiva não se trata apenas de contar sobre a adoção ou deixar claro para a criança como ela chegou na família, mas também dar espaço para a retomada, abrir espaço para que a criança possa reconstruir essas histórias e não pensado somente por ela, e sim por todos os membros da família, que a criança se sinta à vontade para questionar, reviver sem sentir que isso é um segredo e que pode ferir os pais adotivos ao reviver e relembrar suas origens. Em consonância a isso, Winnicott (1997) faz alusão aos detalhes das origens da criança mesmo que inconscientemente, é preciso encontrar um espaço para ser expressado, ou seja, não deve haver mistérios ao falar sobre o assunto, para que a criança possa experienciar os sentimentos de amor, raiva, desgosto, que fazem parte do processo da quebra de vinculação, mas, para essas emoções serem elaboradas precisam ser experienciadas.

Desse modo, a criança/adolescente poderá assimilar psiquicamente aquilo que ela viveu e a constituição de quem ela é. A narrativa das crianças ou adolescentes sobre a sua própria história, experiências e emoções deve ser considerada em sua totalidade biopsicossocial. Acolher e respeitar os sentimentos de medo, desconforto, desamparo e as fragilidades que cada criança ou adolescente carrega é fazer valer o direito que cada criança ou adolescente têm de opinar sobre as decisões da sua vida (OLIVEIRA, 2007).

Nota-se que a transição para a parentalidade adotiva é envolta por uma série de fatores pessoais, familiares, emocionais e institucionais. Além disso, os pais devem estar preparados para receber essa criança/adolescente de acordo com a fase do amadurecimento em que ela se encontra. De acordo com Winnicott (2006b), o bebê tem uma tendência inata ao amadurecimento, a se desenvolver e unificar, fazendo isso por meio dos processos de maturação, de formação e evolução do ego, superego e inconsciente. Contudo, para que esses processos sejam bem sucedidos, é de extrema importância que o ambiente inicial que esse bebê está inserido seja de qualidade, representado pela mãe ou algum cuidador que esteja disponível para olhar e investir nesse bebê. Esse investimento é oferecer os cuidados que o bebê necessita para sobreviver. Até em torno dos seis meses de idade, o bebê encontra-se em um estado de dependência absoluta e depende inteiramente dos cuidados oferecido pelo ambiente, é nesse estágio que a mãe ou cuidador oferece o atendimento integral às necessidades do bebê.

Morelli, Scorsolin-Comin e Santeiro (2015) atentam para o fato de que o ambiente tem uma grande influência na constituição psíquica da criança. Além do mais, esse ambiente é preparado desde muito antes e que não se esgota com a concreta chegada do filho na família, mas se estende pelos primeiros meses e anos, em que se deve atender as necessidades da criança em cada momento do desenvolvimento em que se encontra, como se constantemente precisasse ser atualizado.

Em consonância, Winnicott (2006a) se refere ao termo de preocupação materna primária, ressaltando que esse estado se acentua no final da gestação e estende-se até as primeiras semanas ou meses após o parto. É esse estado de preocupação materna primária que faz com que a mãe ou cuidador ofereça um ambiente suficientemente bom para o bebê, atendendo as necessidades iniciais. Nesse sentido, Gomes (2006) traz que esse estado de preocupação materno primária pode não ser atingido do mesmo modo que as mães biológicas, mas que famílias adotivas podem entrar em um estado muito parecido, de preocupação exclusiva e intensa com seu filho. A transição para a parentalidade adotiva é favorecida, pois

por meio desse estado serão oferecidos para a criança o atendimento de suas necessidades, o *holding* que é a função de sustentação, ou seja, a maneira como a mãe incorpora uma rotina de cuidados não somente físicos, mas psíquicos com a criança e o *handling* que é a maneira como a criança é cuidada interfere de maneira significativa na adaptação inicial e na vinculação pais e filhos.

Oliveira (2007) sinaliza que para que o processo de adoção seja favorecido, a família precisa estar sensível às necessidades da criança ou adolescente, independentemente da fase de desenvolvimento em que se encontra. Sabe-se que a trajetória das crianças e adolescentes afastados da família pode ter sido marcada por instabilidade no cuidado e a vivência de violência desde a tenra idade, o que faz com que situações difíceis possam ser revividas no período de pós-adoção. Outro ponto a ser destacado é a vivência dessa criança no acolhimento institucional, além dela ter sido privada do convívio familiar com a família biológica, a entrada no acolhimento pode ser vivida como algo traumático. Dar ouvidos a essa criança e levar em consideração suas experiências, ajuda a elaborar os lutos vivenciados.

Para Winnicott (2006b), quando a criança é impedida de viver situações positivas por um período de tempo longo ou quando ela é exigida além da sua capacidade, é propício que ela experimente uma falha ambiental. Assim, nota-se a importância de levar em consideração o peso dos acontecimentos que foi vivenciado na história prévia dessas crianças e adolescentes. Os pais em transição para a parentalidade adotiva podem engajar-se em programas ou buscarem suporte psicológico para compreenderem suas motivações internas como também fortalecerem-se no desempenho desse novo papel (VERCEZE *et al.* 2015).

Além disso, revisões de literatura sobre o tópico demonstram como fatores de risco para adoção malsucedida: a adoção tardia, falta de serviços qualificados de apoio às famílias antes e depois da chegada desta atenção psicossocial aos pais adotivos, além das expectativas irrealistas das crianças ou adolescentes e dos impasses vividos pelos pais no processo de educar um filho (PALACIOS *et al*., 2019). De acordo com a Lei N° 12/2010, a adoção é medida excepcional e irrevogável. Nesse ínterim, a devolução de crianças após a adoção é algo que não está previsto em lei, contudo, a realidade se impõe a legislação e para tanto é necessário um olhar atento para esse fenômeno (ROSSATO, FALCKE, 2017). O estudo de Riede e Sartori (2013) menciona que mesmo quando são verificados impasses internos nos candidatos à adoção, despreparo psicológico, luto pela vivência da infertilidade e intenção caritativa associada à adoção, a razão pela dissolução da adoção recai na criança e/ou adolescentes e os novos desafios enfrentados pela família.

Quando a família decide ter um filho, expectativas são criadas em relação a este, os pais idealizam em seu imaginário a figura do filho, comportamentos, temperamento e começam a traçar um plano para o futuro, nas filiações adotivas isso não é diferente. Mas, nem sempre o filho corresponde a essas idealizações, o que pode ser gatilho para a falta de vinculação entre pais e filhos. Ter e criar um filho vai além destas idealizações, é aceitar esse filho em sua totalidade mesmo que isso não vá de encontro aos sonhos e idealizações feita pelos pais (MACHADO, FÉRES-CARNEIRO & MAGALHÃES, 2015). Conhecer o perfil dos pais que buscam exercer a parentalidade pela via da adoção, entender o que esperam desse filho e os motivos que levaram a optar por essa via da parentalidade, bem como colocá-los em contato com a realidade do perfil das crianças que estão elegíveis para adoção são medidas que podem atenuar essas expectativas, reduzindo as frustrações. Em contrapartida, a situações que só serão vivenciadas após o contato real com esse filho, somente após o convívio que serão despertados certos sentimentos, impasses no educar e contato com o filho da realidade, esses impasses quando não elaborados podem causar interrupções na adoção (RIEDE; SARTORI, 2013).

A criança que foi privada de cuidados satisfatórios em algum momento da vida chega na família com uma ruptura, quebras de vinculações, o que pode ter gerado traumas e isso exige que os pais tenham a capacidade de serem empáticos, tolerantes à frustração e capacidade de identificação para conseguirem serem em alguns momentos o terapeuta dessa criança, pois estarão suprindo necessidades dos quais não foram responsáveis, ou seja, pelos erros e fracassos da família biológica. Essa família precisa oferecer para a criança ou adolescente o suporte, cuidado e atender suas demandas físicas e emocionais sem negar a bagagem que ela traz consigo (LEVINZON, 2018).

Bryan, Flaherty e Saunders (2010) atentam para o fato que serviços qualificados no pós-adoção podem reduzir o índice de interrupções nas adoções. No estudo realizado com pais participantes de um programa especializado para apoiar e estabilizar as famílias adotivas e prevenir a interrupção ou dissolução da adoção, evidenciaram que as famílias se sentiram mais seguras ao estar amparadas e contar com suporte emocional para vivenciar os desafios da transição para a parentalidade adotiva. Muitos pais do estudo relataram estar com a relação parental estável após participarem do grupo e contarem com o apoio de outros pais e profissionais. Os participantes relataram o quanto são necessárias mais ações como estas, tendo em vista, que acreditam ter poucos espaços voltados para famílias no pós-adoção. A importância do grupo foi evidente pelo relato de alguns pais que pretendiam interromper o

processo de adoção por não estarem se adaptando às necessidades da criança adotada e após o grupo ampliaram sua visão sobre desenvolvimento infantil, comportamentos da criança e com isso seguiram o processo com um entendimento maior, visto suas vivências não era algo especifico do filho adotado, mas comum na maioria das famílias.

Esses pais que estão recebendo essa criança são compostos de vivências de toda sua vida, modelos de pais e mãe que tiveram perdas e ganhos e uma história prévia de como se chegou à adoção. Muitos deles precisam elaborar o luto de não ter gerado um filho biológico. Em um estudo de Mahl *et al.* (2011), que buscou estudar o luto da infertilidade e a adoção como uma maneira de exercer a parentalidade, as autoras afirmaram que a maioria das participantes do estudo optaram pela adoção depois de muitas tentativas de conceber um filho biológico, quando essas já estavam esgotadas fisicamente e emocionalmente. Essas histórias devem ser levadas em consideração, visto que as repetidas perdas e o luto por não gerar o filho biológico podem atravessar a transição para a parentalidade adotiva. Um espaço de escuta e acolhimento dos sentimentos desses pais é fundamental. Maldonado (1997) atenta para o fato de que a via que você exerce a parentalidade adotiva ou biológica não tem influência no êxito ou não. Tornar- se bons pais está diretamente ligado às motivações que levaram a escolha de ter um filho.

Pode-se pensar nas crianças adotadas, que já têm uma história prévia antes da adoção, se a família adotiva apresentar um ambiente seguro e favorável, elas podem desenvolver novos modelos de vinculações. Essa transição é envolta por desafios; no entanto, a nova família pode buscar alternativas, dentre elas o atendimento psicológico, visando uma transição para a parentalidade mais leve, no qual os pais consigam encontrar o tempo da criança, integrá-la à família de forma satisfatória, levando em consideração suas afinidades e diferenças (ROSSETI-FERREIRA *et al.*, 2012).

Arpini e Narciso (2018) complementam por meio de um estudo feito sobre as práticas de adoção de crianças e adolescentes, tomando como referência as experiências de dois países: Brasil e Portugal. Nesse intento, uma experiência proposta por uma equipe de profissionais de psicologia vinculados à Universidade de Lisboa, oferece aos pais adotivos um espaço para trocas de experiência e escuta qualificada dos diversos desafios que atravessam a vivência da parentalidade adotiva. Esses espaços robustecem os laços parentais e apoiam a família em suas novas funções. Pais mais seguros tendem a oferecer um ambiente saudável para o desenvolvimento da criança ou adolescente. Oferecer o suporte adequado para a criança, respeitar o tempo, ou seja, entender que a criança precisa desenvolver por eles uma

confiança e se eles estiverem disponíveis afetivamente, isso irá facilitar a aproximação e a criação desses novos vínculos. O papel das intervenções no processo pós-adoção é justamente facilitar essa aproximação, e ajudar os pais nessa travessia, que é composta por sentimentos da criança e também sentimentos e vivências muitas vezes inconscientes dos pais. (BENTO, 2008)

No trabalho terapêutico com famílias em transição para a parentalidade adotiva, podem ocorrer "*novas adoções*", mais seguras e genuínas, nas quais os pais têm oportunidade de rever seus sentimentos e dos seus filhos, curar suas feridas narcísicas e na maioria das vezes se sentem adotados pelo terapeuta, com isso, passam a trilhar um caminho novo, de descobertas e interpretação de suas angústias. Trilhar esse novo caminho é também olhar de modo diferente para a adoção e para o filho adotado (LEVIZON, 2006).

Segundo Rocha e Freitas (2011), em um trabalho de grupo terapêutico com famílias adotivas deve-se elucidar as especificidades a serem consideradas nessas famílias, dentre eles, revelarem sobre a adoção, acolher sua história prévia, motivos que levaram a adotar, aceitação da família extensa, todas essas questões permeiam o processo terapêutico. Essas singularidades se não estiverem bem elaboradas amparam a primordialidade desses espaços, pois visam abordar questões emergentes sobre a parentalidade adotiva, dificuldades enfrentadas pela família, mitos referentes à adoção, desenvolvimento de práticas educativas e com isso um melhor ajuste na dinâmica parental.

3 MÉTODOS

3.1 DELINEAMENTO E PROCEDIMENTOS

Esta pesquisa configura-se em uma pesquisa ação, de cunho qualitativo. A pesquisa qualitativa caracteriza-se por se preocupar não somente em contar o número de vezes que uma variável aparece, mas com a qualidade que elas apresentam, valorizando o processo como um todo e não apenas o resultado. Busca compreender as realidades sociais, evitando números (MINAYO, 1994).

A pesquisa ação é um tipo de pesquisa social, ou seja, um processo que permite obter novos conhecimentos em relação ao sujeito e seus múltiplos relacionamentos, com outros sujeitos e com instituições sociais. É realizada através de uma ação, onde pesquisadores e participantes estão envolvidos de modo cooperativo e participativo no processo de pesquisa, o pesquisador observa, mas também atua no objeto de estudo. Tem como objetivo resolver ou esclarecer os problemas da situação observada, não se limitando a uma forma de ação, mas também buscando aumentar o conhecimento dos pesquisadores e participantes (GIL, 2009; THIOLLENT, 2008). Portanto, trata-se de uma pesquisa cuja proposta é de que o pesquisador será participante e envolvido não somente na coleta dos dados, mas na proposta de estudo como um todo. O pesquisador estará envolvido na pesquisa de modo cooperativo e participativo durante todo o processo.

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, debruça-se sobre a interpretação das realidades sociais (BAUER & GASKELL, 2002).

3.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA E LOCAL

Participaram desta pesquisa 18 indivíduos, entre eles juízes e promotores do Juizado da Infância e Juventude, psicólogos e assistentes sociais, atuantes em acolhimentos institucionais, no fórum, profissionais liberais que atuam com demandas relacionadas à adoção em suas clínicas privadas e coordenadores dos grupos de apoio e incentivo à adoção de cidades do estado do Rio Grande do Sul. O critério de inclusão foi atuar profissionalmente junto a demandas da adoção por pelo menos um ano. Não houve critério de exclusão. Conforme Gil (2006), a amostra por conveniência é uma amostra por acessibilidade e

utilizada em pesquisas qualitativas, que não necessitam de amostras probabilísticas para acessar um fenômeno social. Assim sendo, nessa forma de escolha, incluiu-se como participantes as pessoas consideradas informantes-chave.

Tabela 1- Características dos participantes profissionais

Participantes	**Profissão**	**Tempo de atuação**
Participante 1	Juiz atuante na vara de família	20 anos de atuação
Participante 2	Juíza atuante em vara de família	10 anos
Participante 3	Assistente social atuante em casa lar	2 anos
Participante 4	Assistente social atuante em acolhimento institucional	10 anos
Participante 6	Psicóloga atuante em acolhimento institucional	3 anos
Participante 7	Psicóloga judiciária atuante na vara de família	5 anos
Participante 8	Assistente social, aposentada, mas atuou por muitos anos na vara de família	25 anos
Participante 9	Assistente social atuante no poder judiciário	20 anos
Participante 10	Assistente social atuante no acolhimento institucional	3 anos
Participante 11	Psicóloga atuante em casa-lar	2 anos
Participante 12	Membro do grupo de apoio e incentivo a adoção	3 anos
Participante 13	Assistente social atuante em casa-lar	2 anos
Participante 15	Mãe social em casa-lar	15 anos
Participante 16	Mãe social em casa-lar	3anos
Participante 17	Cuidadora em acolhimento institucional	20 anos
Participante 18	Cuidadora em acolhimento institucional	5 anos

Fonte: A autora (2022)

Tabela 2 - Características dos participantes pais

Participante	Pais	Tempo de adoção
Participante 5	Casal, pais por adoção que tiveram a adoção interrompida	3 meses de período de convivências
Participante 14	Mãe por adoção	2 anos de adoção

3.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Foi utilizada uma entrevista semiestruturada intitulada "Entrevista sobre o olhar para o pós-adoção" (APÊNDICE B). Segundo Gil (2006), pode-se definir roteiro de entrevista como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas e situações vivenciadas. O roteiro de entrevista foi composto por questões que contemplam os seguintes temas: a experiência dos profissionais no acompanhamento inicial das famílias adotivas; a percepção destes sobre a importância da psicoterapia para famílias recém adotantes; os possíveis prejuízos psicológicos, sociais e afetivos sofridos pelas crianças devolvidas para instituições de acolhimento após serem adotadas; o entendimento sobre a preparação e a prontidão dos adotantes para receber uma criança pela via da adoção.

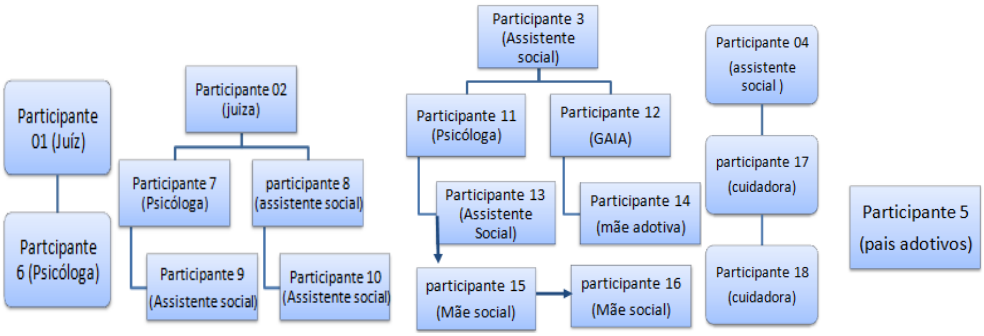
3.4 PROCEDIMENTOS E CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

Todos os cuidados éticos foram contemplados. O projeto foi submetido ao Comitê de

Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria sob número 40799920.2.0000.5346. Os participantes convidados a integrar este estudo receberam todos os esclarecimentos sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa e sobre seu caráter voluntário. Além disso, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE A). Esse termo garantiu cuidado nas questões éticas, como o anonimato dos participantes por meio da utilização de nomes fictícios, sendo respeitados os preceitos éticos para Pesquisa em Psicologia com Seres Humanos, contidos na resolução Nº 016/2000, do Conselho Federal de Psicologia (CFP) e do Conselho Nacional de Saúde, resolução Nº 196/1996.

Além do direito ao sigilo de sua identidade, assegurando a sua privacidade, foi garantido ao participante o direito de desistir da pesquisa se assim fosse de sua vontade. A pesquisa não ofereceu nenhum tipo de recompensa ou benefício direto para os participantes. Trata-se de um estudo de risco mínimo, uma vez que a pesquisa foi de caráter informativo e não se referiu a questões pessoais que mobilizassem os participantes. Por conveniência, foram selecionados quatro participantes chaves da pesquisa, os quais são representantes notórios e, a partir da indicação deles, selecionou-se pelo método bola de neve outros participantes, conforme Figura 1.

Figura 1 - Fluxo do recrutamento do procedimento bola de neve



Fonte: A autora (2022)

A seleção dos participantes para a composição da amostra se deu a partir do contato via e-mail ou telefone com todos os profissionais. Os contatos foram obtidos por meio das instituições as quais esses profissionais fazem parte. Já os contatos dos profissionais liberais e dos grupos de apoio à adoção foram buscados via web. Todos os profissionais que responderam ao contato e se disponibilizaram a participar da pesquisa foram entrevistados. As entrevistas foram realizadas de forma remota por meio da plataforma Google *Meet*, onde foram gravadas e posteriormente transcritas, tiveram duração média de uma hora.

3.5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS

Os dados do presente estudo foram examinados por meio da Análise de Conteúdo Qualitativa, proposta por Bardin (2004), a qual se caracteriza por um conjunto de técnicas de análise das comunicações tendo como finalidade a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação. As entrevistas foram gravadas em áudio digital e transcritas posteriormente. Tal análise teve como objetivo elencar os aspectos que estão na agenda da adoção e aspectos psicológicos envolvidos nesse processo pela ótica dos profissionais atuantes nas diversas esferas, o que possibilitou a construção de um programa para mães e pais adotantes exercer a parentalidade de forma a favorecer a conexão com seu filho. A partir do conteúdo das entrevistas, os temas dos encontros foram criados.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 PROGRAMA DE PREPARAÇÃO E INTERVENÇÃO PARA A PARENTALIDADE ADOTIVA

O processo de transição para a parentalidade adotiva é composto por inúmeras fases, a preparação para esse momento é de extrema relevância, tendo em vista os sentimentos e as mudanças envolvidas na vida dos adotantes. O "Programa Travessia: Para uma parentalidade adotiva segura e consciente" foi desenvolvido no programa de Pós-graduação em Ciências da Saúde, pela psicóloga mestranda Catiane Marques sob orientação da professora Dra. Aline Siqueira. O objetivo do programa é proporcionar para as famílias que optam por tornarem- se pais e mães pela via da adoção, um momento de preparação e acompanhamento dos principais desafios enfrentados na parentalidade adotiva. O programa foi estruturado a partir da escuta de profissionais envolvidos nos processos de adoção e de pais adotivos. A partir dessa escuta, foram elencados os principais pontos que poderiam ser abordados no programa a fim de favorecer um bem-sucedido processo de adoção trazido pelos participantes da pesquisa.

O presente programa é um guia que apresenta um conjunto de sessões estruturadas, com atividades relacionadas ao tema e assuntos embasados teoricamente, visando a que outros profissionais possam aplicar o programa composto por sete encontros de duração de 1h30min a 2hs e periodicidade semanal. O público-alvo são pais e mães adotivos que a adoção tenha acontecido dentro de 12 meses ou estejam em período de convivência, que tenham adotado tanto crianças quanto adolescentes. O Programa conta com um currículo central em interlocução com temas secundários, advindos das entrevistas coletadas. Os encontros serão apresentados juntamente com as falas que os deram origem.

4.1.1 Encontro 1- Quem é o seu filho que chega? Como me preparar para recebê-lo?

O Encontro 01 do programa foi pensado a partir das falas de profissionais e pais adotivos que sinalizavam a necessidade dos adotantes estarem preparados para receber o filho que chega e tudo que ele demanda, bem como os desafios de tornar-se pai e mãe: sentimentos envolvidos, novos papéis, mudanças de prioridade e as adaptações necessárias, uma vez que essa preparação irá facilitar a vinculação inicial. A falta de preparo pode desencadear uma adoção mal sucedida, tendo em vista que a vinculação inicial interfere significativamente em como a criança se sente segura ou não nesse novo ambiente.

Os entrevistados afirmaram que é preciso que estes pais tenham um espaço para elaborar as motivações para a adoção, pois o desconhecimento da história transgeracional, da família biológica e dos acontecimentos durante a vida fetal são peculiaridades do universo adotivo que precisam ser elaborados na sua totalidade. Essas elaborações vão contribuir para que os pais estejam mais preparados para receber essa criança que chega carregada de vivências e histórias.

Ser pai, ser mãe, de acordo com Kruel (2020), é uma tarefa desafiadora e mesmo com que os pais busquem se preparar, não há garantias de que tudo saia conforme o esperado. C m isso, a ideia não é desencorajá-los a buscar esse caminho de conhecimentos e preparações, e sim alertá-los de que em alguns momentos isso não será suficiente para atender todas as demandas do novo membro.

A questão de as famílias adotivas precisarem se preparar para a adoção apareceu na fala de todos os participantes. As falas a seguir ilustram esse aspecto.

> *Na realidade, a gente pensa… que se o casal está habilitado, é por que ele está preparado para a adoção, mas na prática não é isso que vemos. (P8)*

> *Os casais habilitados para adoção deveriam passar por um momento intenso de preparação, assim como existe um pré-natal para pais biológicos. (P1)*
>
> *É como se adotar fosse resolver todos os problemas daquela criança, e não, os pais que precisam estar preparados com suas feridas internas bem cuidadas para acolher a criança com todas as demandas dela. (P12)*

A literatura acrescenta que o casal que se dispõe a adotar uma criança seja capaz de ter os motivos e sentimentos em relação a adoção elaborados, no entanto alguns adotantes não levam isso em consideração e muitas vezes constroem uma visão idealizada da adoção, gerando consequências negativas para o amparo que proporcionarão para o filho que chega (LEVINZON, 2006).

A elaboração dos motivos que levam os pais a buscarem pela parentalidade adotiva é um dos fatores que podem desencadear a dissolução da adoção. E mesmo com muitos avanços, de acordo com a fala de participantes, tabus e espera de recompensa permeiam a questão da adoção. De acordo com Weber (1999), quando se fala em preparação dos pais, refere-se a ter consciência dos seus limites, possibilidades e, para tanto, é necessário ter clareza das próprias motivações, expectativas, medos e desejos.

O cenário da adoção tem se alterado favoravelmente nos últimos anos. Já houve uma quebra de paradigmas de que a adoção era vista somente como um meio de resolver problemas sociais de institucionalização e abandono. Contudo, ainda se vê preconceitos e mitos relacionados à parentalidade adotiva. A fala dos participantes a seguir evidencia essa questão.

> *Mesmo com muitos avanços, a adoção ainda carrega alguns tabus, de que quem adota faz um grande ato, e será recompensado por isso.(P4)*
>
> *É como se só a criança precisasse sair do acolhimento, como se adotar estivesse resolvendo um problema da criança. (P4)*
>
> *Eu vejo que ainda têm muitos tabus na adoção, parece tudo muito lindo, mas ainda é preciso uma preparação mais eficiente por parte dos adotantes. (P6)*

4.1.2 Encontro 2 - “Expectativas: vilãs ou mocinhas?”

O encontro 2 trouxe uma sequência dos temas trabalhados no primeiro encontro, no qual foram aprofundados elementos relacionados às expectativas para a parentalidade. A expectativa em relação ao filho que será adotado se refere à idealização que os pais fazem dos seus filhosf, o filho perfeito, saudável, que se assemelhe aos pais, com comportamentos que possam ser facilmente moldados, sendo que em alguns casos essa expectativa pode estar relacionado ao desejo da criança ser mais parecida com os pais adotivos, sendo mais fácil

encobrir o medos em relação a origem do filho adotivo (COSTA & CAMPOS, 2003; GHIRARDI, 2009; LEVINZON, 2016, 2020; MACHADO 2014; SCHETTINI *et al.*, 2006; SOUZA & CASANOVA, 2018). Ter expectativas desencontradas pode indicar uma frágil preparação para o exercício da parentalidade. Os participantes indicaram que a falta de preparo e/ou pouco conhecimento sobre a realidade das crianças adotadas podem favorecer a criação de expectativas irreais em relação à criança.

> *Assim eu vejo que muitos casais não estão preparados para esse convívio, acham que vai ser a criança perfeita. (P7)*
>
> *Por ela já ser uma mocinha, pensamos que tinha coisas que ela já sabia fazer, que ela se adaptaria tranquilamente a nossa rotina. (P5)*
>
> *Algumas famílias têm um pensamento ou uma expectativa que não condiz com a realidade da criança, o que vemos em alguns casos é que a família acha que quanto mais idade a criança têm, mais ela entende, esperam maturidade, compreensão e não é bem assim, por vezes a idade maturacional da criança não condiz com maturidade emocional dela. (P9)*

De acordo com a literatura, criar uma imagem mental do filho favorece a vinculação inicial (MORELLI, SCORSOLINI-COMIN, SANTEIRO, 2013). Antes do filho estar presente, os pais já vão criando em seu imaginário um espaço para essa criança/adolescente ocupar. De acordo com Szejer e Stewart (1997); Maldonado (1997) e Stern (1997), na filiação biológica, o bebê anuncia sua existência muito antes do seu nascimento, uma vez que os pais se projetam durante os nove meses para recebê-lo e as expectativas estão relacionadas às palavras que preparam o espaço do bebê e isso favorece a vinculação inicial.

Segundo os participantes, o preparo para a chegada do filho se dá tanto por meio de uma busca por conhecimentos sobre a adoção e na projeção de planos, sobre a criança quanto na promoção de mudanças nos espaços físicos e na organização da família. Esses elementos foram sinalizados pelas mães participantes da pesquisa e por alguns profissionais que notaram esses aspectos no atendimento dos pais.

> *Teve mudanças que eu fiz antes dela chegar que ajudou muito, já estava tudo preparado, mesmo sabendo que podia demorar. (P14)*
>
> *Aquele preparo, quando os pais chegam já abertos, que já pensaram em como vão organizar a rotina, o espaço físico, os preparativos para receber a primeira vez em casa.(P10*
>
> *Tem coisas que tu já planejou. Há uma diferença daqueles pais que ficam alheios durante o tempo de espera e daqueles pais que durante esse tempo usam para planejar sua vida para a chegada, o filho já existe entre eles, só falta se concretizar. (P12)*

No caso da filiação adotiva, é importante que esse filho ocupe o imaginário dos pais. Diferente da gestação biológica, os pais não sabem quando ele chegará, não conseguem

atribuir características que sustentarão a transposição do filho imaginário para o filho real. No tempo de espera pela adoção, o filho imaginado estará presente nas preocupações, no planejamento do futuro com o filho, nas reorganizações da família, no planejamento da recepção, criando um espaço para esse filho ocupar. (SOUZA, 2012; SCHETTINI *et al*., 2006).

Scorsolini-Comim, Amato e Santos (2006) alertam para o fato de que se manter em movimento durante o tempo de espera favorece para que esse filho vá ocupando o espaço no imaginário familiar, sendo que os grupos de apoio à adoção, a troca de experiência com outros pais ou a busca por orientação profissional são movimentos que favorecem esse momento.

Hubner e Siqueira (2016) alertam para o fato de que a idealização do filho adotivo pode ser um momento de grande ansiedade e ambivalência. Esses sentimentos se dão pelo fato de que no momento da idealização você está gestando simbolicamente e é nesse gestar que ocorre a preparação para a chegada do filho, de como você irá exercer o papel parental, sendo necessário refletir sobre as motivações que levaram a adotar e esses elementos dão lugar ao filho imaginário e ao lugar que ele ocupará na dinâmica parental para depois com a chegada do filho real ser possível elaborar o luto da criança/aolescente que chega e muitas vezes difere do imaginado pelos pais.

4.1.3 Encontro 3- O lugar simbólico do filho na família

Essa categoria tem como tema central a construção do lugar simbólico do filho na família. No encontro anterior, o lugar que o filho ocupa no imaginário parental e a importância desse espaço para a construção da parentalidade foram trazidos. Quando os pais vivenciam esse momento, ficam mais abertos a identificar-se com o filho que chega e podem suprir as demandas, tanto físicas quanto emocionais que o filho suscita. As falas a seguir ilustram o quanto impactou para os pais quando esse lugar simbólico não se estabelece. São as falas dos participantes que passaram por um processo de interrupção da adoção ainda no período de convivência. Essa identificação favorece a vinculação inicial e o quanto isso pode ser desfavorecedor quando não acontece.

> *Nada do que fizemos era suficiente, como se não estivéssemos na mesma sintonia. (P14)*
>
> *A gente não conseguiu decifrar o que realmente ela precisava, se era ficar um pouco mais sozinha, se precisava de mais carinho, era como se em alguns momentos invadíssemos o espaço dela. (P14)*
>
> *Sabe quando é tudo totalmente diferente… é como se não encontrássemos nada de semelhante. (P14)*

Nas falas desses pais, nota-se que a falta de identificação gerou uma dificuldade para enfrentar os desafios inerentes da parentalidade. A literatura indica que o papel dos pais é construir o lugar que a criança ocupa não só na família, mas no mundo, o que só ocorrerá se uma aproximação subjetiva acontecer (LEVINZON, 2004). Winnicott (2020a) afirma que, para que a mãe consiga atender as necessidades do seu filho, é necessário um estado de identificação, assim ela passa a compreendê-lo, ou seja, entra em um estado de identificação intensa com o seu filho, esse estado apresentado pela mãe favorece o desenvolvimento socioemocional da criança. As falas do casal que interromperam a adoção (P14) sinalizam um sentimento de estranheza por esse filho que é diferente da mãe. O desafio da adaptação inicial dos pais em se ver com as suas angústias, sejam elas conscientes ou inconscientes. A literatura corrobora com essas concepções ao trazer que os pais não estando com essas angústias bem elaboradas, a adaptação tende a não alcançar condições suficientemente boas para uma vinculação saudável e a criança pode recorrer a uma série de comportamentos defensivos. Além de tentar se adaptar ao ambiente, ela precisa se preocupar com o que esse ambiente espera dela, pois, o ambiente não se mostra aberto para oferecer os cuidados que ela necessita (LEVINZON, 2018). Ghirardi (2009) complementa que a dissolução da adoção acontece geralmente pelas dificuldades na vinculação entre pais e a criança/adolescente.

Outro aspecto que deu suporte ao Encontro 2 foi o tempo. Dois participantes do estudo mencionaram que é necessário tempo para que a criança se sinta segura e para que a vinculação realmente aconteça. Isso pode variar de família para família, dependendo das condições emocionais da criança e em que fase do desenvolvimento ela se encontra.

> *A gente tem muito cuidado em prestar todo o suporte às famílias, noto que algumas só pensam em realizar seus propósitos e por mais que fiquem cientes que a filiação adotiva não é um mar de rosas, muitas não se preparam para os desafios que irão enfrentar, as mudanças que irão passar e algumas não tem suporte suficiente para levar adiante. (P2)*

> *Vejo que o mundo atual onde tudo acontece muito rápido, volátil, contribui para as frustrações na maternidade e paternidade, as pessoas querem que tudo seja rápido, as adaptações sejam rápidas, a construção dos vínculos e na maternidade não é assim é preciso respeitar o tempo da criança, ela precisa confiar naqueles pais, não é por que ela estava no acolhimento que vai chegar amando aquele pai e aquela mãe, essa vinculação precisa ser construída e os pais precisam investir, se dedicar, assim como os pais precisarão de tempo a criança também precisa. (P3)*

A criança adotada já sofreu uma quebra de vinculação com as figuras de apego. Apego é um tipo de vínculo afetivo biologicamente inato entre os seres humanos, que oportuniza a proximidade com outros indivíduos. Após essa perda, faz-se necessário que alguém se mostre

disponível para ser uma figura ou objeto de apego, que irá oferecer sentimento de segurança, e assim estará mais preparado para lidar com o mundo (BOWLBY, 2002).

Até que esses pais adotivos se tornem as figuras de apego, a criança precisa de tempo e depende das necessidades emocionais que precisam ser supridas de acordo com o momento da vida da criança e como foi o rompimento com a família biológica para se sentir totalmente segura. Nas falas dos participantes P2 e P6, constatou-se que ainda é preciso trabalhar com os pais a questão do tempo de adaptação da criança e do quanto é necessário suprir e investir emocionalmente nessa relação, favorecendo o lugar que esse filho ocupará.

> *Independente de ser bebê ou não, é preciso toda uma preparação, qualquer idade demanda, claro que adaptações diferentes, é preciso saber qual lugar esse filho vai ocupar da tua rotina da tua vida. (P2)*

> *Não dá para deixar para pensar em certas coisas, só quando a criança chega, é preciso se preparar para participar dos grupos, conversar com famílias que já adotaram, mesmo que algumas dúvidas só irão surgir quando o filho chegar, é preciso ir criando um espaço para esse filho ocupar. (P6)*

Tanto na parentalidade adotiva quanto na biológica, é necessário que os filhos ocupem um lugar privilegiado no inconsciente parental. A preparação psíquica deve ser sucedida/acompanhada pela preparação ambiental, no sentido das novas adaptações da casa, da rotina e da configuração familiar. Quando isso acontece podemos dizer que o ambiente está suficientemente bom e irá auxiliar novo membro a lidar com suas inquietações e elaborar os acontecimentos da sua vida, contribuindo para sua constituição (HUBNER e SIQUEIRA, 2010; WINNICOTT,1997).

4.1.4 Encontro 4 - De filho adotivo ao filho, de homem/mulher a pai e mãe

Depois desse filho ocupar o imaginário parental, o que contribui para a vinculação, é preciso que esses pais estejam preparados para recebê-lo no seu ambiente físico, na sua casa, na sua vida, compreendendo que um novo ser que passa integrar essa família. E mesmo os pais que tenham se preparado, construído um repertório para esse momento, existem coisas que somente vivenciarão na prática, com a chegada desse filho. O novo membro que chega suscitará em uma reconfiguração familiar (WINNICOTT, 1997).

Kruel (2020) alerta para o fato de que após a chegada do filho e por um período de tempo o tornar-se pai e mãe constitui-se o eixo organizador da vida psíquica, espera-se que os interesses voltados para a criança sejam prioridade na dinâmica familiar. E uma das tarefas daqueles que se lançam na travessia da parentalidade é oferecer não somente os cuidados básicos, pois isso não é suficiente para o desenvolvimento de maneira integral do ser humano.

O que se espera é que os novos pais sejam capazes de incluir a criança na história familiar, transmitindo os ritos, costumes e legado da família, para que ela se sinta pertencente ao seio familiar. Esses aspectos contribuem para o desenvolvimento biopsicosocial da criança. Os participantes do estudo reiteraram a importância desses aspectos, quando questionados os pontos fortes das famílias que têm êxito na adoção.

> É preciso com o tempo tirar o adjetivo adotivo, ele é filho, à medida que a família inclui ele na dinâmica familiar e aceita como seu filho. (P1)
>
> Quando o filho chega nessa família é preciso acontecer uma entrega para esse novo, querer incluir ele na família, na história familiar, querer ser mãe/pai dessa criança, e se adaptar a esse novo momento, isso favorece para a aceitação desse filho independente das demandas dele. (P8)
>
> Tudo perpassa pelo afeto, né? Pela doação, você precisa se entregar, quando seu filho chega, é preciso estar disposta a investir naquela relação, o filho passa a fazer parte de você, você inclui ele naquela nova rotina, na família, nos planos, você vai aprendendo a ser pai e mãe daquela criança. (P10)

Winnicott (1957/2021) sinaliza que o lar é de responsabilidade dos pais e não da criança. O autor atenta para o fato de que um lar ruim causa efeitos negativos no desenvolvimento socioemocional da criança e que pais suficientemente bons atuam para que esse ambiente seja favorável e não só em termos de cuidados físicos, como também onde a criança se encontre gradualmente. É na família que a criança pode viver e crescer, além de ser o lugar onde elas podem expressar e sentir suas emoções e esperam ser acolhidas empaticamente. Os dois juízes entrevistados fazem alusão a essa família, que precisa ser além de suporte estável, ressaltando que em seus anos de trabalho notam que lares seguros proporcionam um bom desenvolvimento para a criança ou adolescente.

> Antes mesmo da adoção, essa família precisa estar ciente da responsabilidade de criar e educar um filho, oferecer um lar estável é o primeiro passo para a adoção dar certo, é dali que a criança se espelhará, vejo que as famílias que são estáveis têm mais sucesso na adoção. (P12)
>
> Os pontos positivos eu vejo que além da preparação é oferecer um ambiente seguro, que formará os valores dessa criança, é na família que tudo começa. (P15)

É importante alertar sobre a complexidade da adoção de uma criança que vem de um contexto de quebras de vinculações e abandono. Esses pais, além de se prepararem para receber seus filhos, devem elaborar seus lutos e feridas, manter um lar coeso e estável. Muitas vezes, os pais se deparam com uma criança/adolescente desconfiado, uma vez que as crianças que passaram por esse tipo de situação carregam as marcas da desconfiança e é possível que testem essa família a fim de ter certeza que ali é um lugar confiável para expressar seus sentimentos (GOMES; MARQUES; ISHARA, 2018).

A transição para a parentalidade é uma das passagens mais significativas que homens e mulheres vivenciam, o que pode gerar desequilíbrio e estresse com as mudanças previstas e com aquelas que fogem dos planos. Para contemplar a ideia de um lar coeso e estável, tem-se a necessidade de desenvolver novas habilidades parentais, reorganizar a rotina e apoio mútuo no caso de casais. Essa travessia para a parentalidade vai exigir dos novos pais e mães a capacidade de se reinventar, para então proporcionar a estabilidade da família, necessária para a segurança da criança/adolescente (LEMPENK, 2020).

4.1.5 Encontro 5 - A criança e o seu mundo: Importância da história de vida da criança/adolescente

É de extrema importância que as crianças e adolescentes que vivenciaram situações difíceis, como fragilidades nos laços familiares, violência, negligência e muito tempo de institucionalização sejam olhadas de forma singular. A valorização da sua história e da sua origem favorece a vinculação saudável entre crianças/adolescentes e seus pais adotivos. Quando a criança/adolescente sente que tem abertura para falar sobre si, suas origens e entender sua história, torna-se possível que expresse seus sentimentos de raiva, saudade, desamparo, satisfação e medo e a família é quem oferece ou não essas possibilidades. A escuta atenta e o interesse pela história dela, favorece que ela retome, crie e recrie espaços internos para viver novas experiências (VIDIGAL, 2013).

Quatorze participantes do estudo, quando questionados sobre os riscos para uma adoção mal sucedida, trouxeram sobre o medo dos pais em falar sobre a história de vida e as origens da criança. Mesmo que se possa assumir que tem havido uma evolução nesse tópico, esse ainda é um dos fantasmas em famílias adotivas.

> Noto que a origem da criança ainda assusta, quando não trabalhado pode ser um impeditivo para o sucesso na adoção. (P)4
>
> Ainda vemos pais desde o início pensando em artimanhas para esconder ou não falar sobre a origem/história da criança, vejo isso com um risco. (P6)
>
> Ainda vejo que é preciso conscientizar os pais na preparação que eles estão adotando uma criança com uma história prévia, independente de ser bebê ou adolescente, e é preciso estar aberto e seguro para falar sobre isso. (P9)
>
> Ainda é preciso uma sensibilização e respeito pela história de cada criança, o medo e o receio pela história da criança pode criar desde o início um bloqueio, ou uma falta de abertura que afeta a vinculação. (P8)

Mesmo a adoção não sendo mais um tabu social, é preciso sensibilizar esses pais a respeito da importância da história de vida da criança/adolescente. Orientá-los a ser

companhia para seus filhos na revisitação das suas histórias, dar nome aos seus sentimentos e ajudar a encontrar novos sentidos é uma boa maneira de se fazer presente e estar aberto. Esse processo fomentará a construção da identidade. Além de atentá-los para o fato de que essa negação afeta a vinculação e a segurança da criança/adolescente na família adotante. (VIDIGAL, 2013; RIEDE E SARTORI, 2013; MALDONADO, 1999). As falas dos profissionais se confirmam quando os pais adotivos falam sobre o assunto, como pode-se observar:

> Confesso, escutar ela perguntando sobre a outra mãe me apavora, eu até falo mas não com naturalidade. (P14)
>
> ele sabe que é adotada, mas nunca falei sobre algo específico, vou evitando enquanto conseguir. (P14)
>
> Às vezes ficava entristecida de saber que ela ainda lembra deles. (P14)
>
> Do acolhimento, ela fala muito dos amigos que tinha lá, por vezes não sei o que dizer. (P14)
>
> Um dos pontos que sentíamos muita dificuldade era ver ela falar sobre a outra família, não entendíamos como eles eram tão maus e ela ainda relembrava com saudade … parece. (P5)

Ladvocat (2018) salienta que esse tema traz muitas inseguranças e resistências entre pais adotivos, sendo um dos assuntos que merecem atenção na preparação desses pais, pois afeta a família como um todo. Muitos pais ainda acreditam que omitir o assunto pode evitar que a criança reviva seus traumas e em alguns casos se comparam com a família biológica passando a imagem de serem bons e protetores e alerta que a resistência em falar sobre o tema pode indicar já uma falha na adoção.

4.1.6 Encontro 6- As crianças e suas fases: Do nascimento à adolescência

Esse encontro foi pensado após os participantes trazerem em suas falas aspectos relacionados às fases do desenvolvimento, ressaltando que crianças e adolescentes demandam cuidados e olhares diferentes a depender da fase do desenvolvimento em que se encontram. Não será esgotado por completo cada fase, e sim relacionado aos aspectos da parentalidade adotiva. A frase do participante ilustra o objetivo ao abordar esse tema:

> Tem coisas que não são específicas da adoção, é parte do desenvolvimento da criança. (P1)

Nessa fala, verifica-se que existem demandas da criança que estão relacionadas ao seu processo de amadurecimento e algo específico da transição da parentalidade adotiva, assim como, algumas expectativas dos pais não condizem com o momento do desenvolvimento em

que a criança/adolescente se encontra. É possível observar por meio das falas dos participantes que alguns adotantes possuem crenças relacionadas a determinadas fases do desenvolvimento desencontradas do que a teoria indica. Constata-se na fala dos participantes, aspectos relacionados à adoção de bebês, por exemplo.

> O bebê poderá ser modelado de acordo com a família, ele não vivenciou nenhum trauma. (P6)
>
> Nas adoções de bebê não sentimos tantas dificuldades, por se tratar de bebês os pais acreditam ser mais fácil por não ter vivenciado tantas situações adversas. (P4)
>
> Nas habilitações ainda vemos, aquelas expectativas que a adoção de bebês demanda menos, que o bebê é mais fácil por estar na família desde pequeno. (P8)

Em contrapartida, a teoria Winnicottiana atenta para fatos sobre o início do processo de amadurecimento/desenvolvimento. A concepção é uma data segura para dizer que o bebê é propício a ser estudado em aspectos psicológicos. Vale ressaltar que é a partir dos dois ou três meses de gestação que o cérebro do bebê é formado do ponto de vista anatômico e que pode-se pensar a criança como ser humano. Os primeiros chutes e mexidas na barriga da mãe evidenciam que esse bebê está ali. Nesse momento, ele já é capaz de capturar algumas memórias e armazenar um certo apanhado de experiência, ou seja, tudo aquilo que é vivenciado a partir dessa fase constitui esse bebê. Como exposto, faz-se necessário atentar para as experiências vividas pela mãe durante a gestação (DIAS, 2017; WINNICOTT, 1966/2020b).

Outro fator importante é o nascimento. Para o bebê, houve uma descontinuidade. Esse bebê, que foi entregue para adoção, não terá contato com aquilo que era mais conhecido por ele, sua mãe, que já conhecia seu ritmo, a batida do coração e a voz. É preciso que esse bebê encontre na família adotiva, ou na instituição em que passou seus primeiros meses, alguém atento às suas necessidades, que lhe ofereça segurança, conforto, previsibilidade para que ele possa continuar existindo e se recupere a descontinuidade do nascimento. Esse olhar e cuidados iniciais dos bebês que são entregues para adoção podem não ocorrer (WINNICOTT,1966/2020b). Os bebês não conseguem tornar-se pessoas reais, sem um ambiente que atenda suficientemente bem suas necessidades, é preciso que o processo de amadurecimento seja favorecido, por esse ambiente, não basta nascer, é preciso ir integrando suas experiências a sua personalidade (DIAS, 2017).

> Para que as tarefas básicas sejam resolvidas com sucesso, tornando-se conquistas do amadurecimento, são necessários cuidados maternos específicos: à integração no espaço e no tempo, corresponde o segurar ou sustentar (holding); o alojamento da psique no corpo é facilitado pelo manejo (handling), que é um aspecto mais específico do segurar, relativo aos cuidados físicos; o contato com objetos é

> propiciado pela apresentação de objetos. Ao mesmo tempo que a mãe facilita, de forma especializada cada uma das tarefas do bebê, o conjunto de cuidados maternos constitui o ambiente total, e o modo de ser da totalidade dos cuidados configura um mundo para o bebê (DIAS, 2017, p. 145).

Esse processo só acontece quando os pais são capazes de se identificar com o bebê, entrando em um estado de preocupação materna primária. Winnicott (1958/2000) cunhou esse termo como sendo um estado muito especial de identificação que a mãe entra com o seu bebê, sendo capaz de saber o que ele precisa. As mães por adoção podem não chegar a esse estágio da mesma maneira que mães biológicas, mas caso consigam se identificar com esse filho e atender as necessidades dele, podem atingir esse estágio a partir das vivências pregressas dessa mãe e de como ela está preparada para tornar se mãe (GOMES, 2006). Esses processos acontecem não somente com bebês. As crianças que chegam por intermédio da adoção precisam que os pais estejam atentos às suas necessidades. Nem sempre o comportamento apresentado diz respeito ao fato de ter sido adotado e passado por uma quebra de vinculação, condiz com a fase do desenvolvimento em que se encontra.

> As interrupções acontecem por vezes por motivos torpes, como em um caso que a criança tinha quase três anos e os pais alegavam não poderem ir ao mercado ou em alguns estabelecimentos, que ela se jogava no chão e quando iam conter ele ficava muito agressivo… Era como se a criança não os respeitasse e estivesse desafiando. (P12)

De acordo com o Psicólogo Vygostski (2006), nessa idade dos três anos a criança enfrenta uma crise por estar vivenciando um novo momento, já que antes ela assumia um lugar mais passivo e, nesse momento, passa a solicitar um outro lugar na dinâmica familiar, saindo desse lugar para assumir um lugar mais ativo, onde contesta, protesta e se posiciona, solicita participar mais das decisões e esse momento tende a ser visto como um período desafiador, de teimosias e birras. Em consonância, Dias (2017) alerta para o fato que neste momento existem dois mundos para a criança, o externo e o interno. Há uma complexidade para ela que ainda é imatura, suas fantasias e desejos interiores não condizem com o que se passa no mundo externo e é a partir disso que ocorre as tendências construtivas e destrutivas da criança e emerge sua agressividade. E a criança segue precisando de um ambiente e de pais suficientemente bons, que acolham e tolerem os impulsos da criança para que ela possa avançar para o estágio do concernimento, onde se sente responsável pelos seus atos. Na fala da P.15, “o Pedro (3 anos) voltou duas vezes, a gente se surpreendeu ele era birrento, mas agora quando faz birra e é agressivo, logo tenta fazer um carinho ou um agrado”.

Nota-se que o processo de reparação acontece nessa fase do desenvolvimento se a criança encontra alguém que tolera seus impulsos destrutivos e está aberta a receber o gesto

reparador da criança, mesmo com essa capacidade ainda limitada, pode ser muito traumático não ter alguém disponível que reconheça seu gesto reparador (DIAS, 2017).

A mãe por adoção participante (P14) deste estudo relata comportamentos parecidos, mas com a filha de 7 anos.

> Eu não imaginava alguns comportamentos, crises de birra, se falava que ia desligar a TV, tinha muito choro, brigas e ficava muito agressiva (filha adotada aos 7 anos).

Importa ressaltar que a idade cronológica da criança adotada nem sempre condiz com seu desenvolvimento emocional, estando diretamente ligada às vivências da criança, ao ambiente que viveu os primeiros anos de vida. E a idade cronológica por vezes não acompanha a emocional, devido à história de vida da criança (SOUZA e CASANOVA, 2014). Quando o ambiente oferece os cuidados satisfatórios, a criança consegue equilibrar os aspectos do seu desenvolvimento e a agressividade não eclode com tanta intensidade (WINNICOTT, 1982).

> Foi muita conversa, muito carinho, entendimento, para que ela conseguisse expressar aquilo que estava sentindo, mas, chegou esse momento hoje ela já consegue verbalizar que não gostou de tal atitude minha ou de alguém próximo, já me diz se gosta ou não de tal roupa ou atitude de algum coleguinha, e ficou muito mais fácil entender o que ela sente, ela não tem mais aquelas crises de agressividade, nosso diálogo ficou muito melhor. (P14)

Na fala da participante acima, notou-se que o oferecimento de um ambiente seguro favoreceu para que ela conseguisse se expressar melhor, falar sobre seus sentimentos e desejos, que é o que se espera dessa fase, pois, de acordo com a literatura, aos sete anos, a criança já é capaz de expressar suas emoções e obter um autocontrole de como elas emergem, já há um nível de consciência e conseguem responder melhor, sabem o que os deixa tristes, com raiva ou felizes e conseguem reagir melhor e adaptar seus comportamentos (PAPALIA, OLDS, FELDMAN; 2006).

> Foi muita conversa, muito carinho, entendimento, para que ela conseguisse expressar aquilo que estava sentindo, mas, chegou esse momento hoje ela já consegue verbalizar que não gostou de tal atitude minha ou de alguém próximo, já me diz se gosta ou não de tal roupa ou atitude de algum coleguinha, e ficou muito mais fácil entender o que ela sente, ela não tem mais aquelas crises de agressividade, nosso diálogo ficou muito melhor (P14).

Esses cuidados favorecem a passagem para a puberdade e adolescência, que por si só já é um momento de difíceis mudanças, com muitos sentimentos novos e estranhezas devido às mudanças corporais. A criança cuidada satisfatoriamente nas fases anteriores tolera melhor a ansiedade típica dessa nova fase. Na adolescência é intensificado o trabalho psíquico, momento de retomar experiências infantis, responder perguntas internas de quem eu sou, o

que desejo, por que algumas coisas aconteceram comigo, o desejo de responder essas perguntas, marca um momento de repetições, conquistas e perdas. Um ponto a se destacar dessa fase assim como o bebê era um ser isolado, na adolescência isso se repete e é uma estratégia de sobreviver as angústias dessa fase (WINNICOTT, 2011; GOBBI, *et al.*, 2004; DIAS, 2017).

Na fala do casal P.5, notou-se a dificuldade em lidar com a filha adolescente, entendendo o distanciamento como negação deles enquanto pais e mães e não como algo típico do adolescente e um dos fatos que favoreceu com a interrupção da adoção.

> Ela vinha para cá e só queria ficar no quarto, não interagia e até mesmo nos programas de família, não queria participar (P5).
>
> A sensação é como se ela não se identificasse em nada conosco (P5).
>
> O desejo de reencontrar o pai biológico nos assustava (P5).
>
> Ela não se abria, havia um distanciamento muito grande, nós não conseguimos identificar o que ela necessitava (P5).

As falas dos participantes revelam vários fatores envolvidos na adolescência, Winnicott (1997), ao falar sobre crianças adotadas, atenta para o fato de que os adolescentes podem se relacionar bem, desde que os pais se mostrem confiáveis. No início da adoção, essa confiança não foi estabelecida e, como escrito anteriormente, nessa fase o adolescente tende a se isolar das figuras parentais e os pais podem não estar preparados para lidar com os comportamentos do adolescente e de atender suficientemente bem as suas necessidades, causando um distanciamento ainda maior. Nesse intento, cabe alertá-los sobre as fases do desenvolvimento, tendo em vista que como visto cada fase demanda um posicionamento e uma abordagem diferente dos pais.

4.1.7 Encontro 7 - Encerramento

Esse encontro foi pensado para troca de experiências entre os pais, abordando a percepção uns dos outros durante o processo, pontos mais relevantes, o que mudou em suas percepções, os aprendizados e como foi a experiência de pertencer ao grupo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao terminar de escrever esse estudo, tive a certeza que não o concluímos, afinal o assunto da adoção não se esgota, mesmo com tantos avanços. É emblemático, envolve o interesse da criança, família adotiva e da família biológica, é o sentimento e as vidas de muitas pessoas envolvidas. Percebe-se que há muito a ser feito em termos de pesquisas, mas no período de feitura deste trabalho, foi um grande aprendizado. Ao adentrar no universo da adoção pela ótica dos profissionais que atuam diretamente com o tema, foi possível perceber que ainda é frágil a preparação para receber uma criança ou adolescente advinda do acolhimento institucional e que esta carrega em sua bagagem um histórico de quebra de vinculação, abandono e sofrimento que podem dificultar as novas conexões.

A adoção geralmente não é a primeira medida a ser tomada. As bases do Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa de Crianças e Adolescentes à convivência familiar e comunitária estão pautadas diretamente na prevenção do rompimento dos vínculos familiares, na qualificação do atendimento e no investimento do retorno dos jovens às suas famílias de origem. Somente após o descarte dessas possibilidades é que são utilizados outros recursos, como o encaminhamento a famílias substitutas, baseados em processos legais que preconizam a defesa do interesse da criança ou adolescentes.

A partir das falas dos participantes, verificou-se que ainda existe carência de políticas que acompanhem essas famílias para receberem as crianças e jovens que tiveram seus vínculos rompidos e que para alcançar bons resultados e evitar a reincidência, precisa-se de um acompanhamento de todos os envolvidos.

Para a garantia da convivência familiar e comunitária, deve-se unir esforço dos órgãos do sistema de garantia de direitos para que as famílias possam se fortalecer e ser capazes de superar as dificuldades provenientes dos eventos estressores de vida, como também, fomentar processos de adoção direcionados ao melhor interesse da criança, considerando o seu desenvolvimento. Ainda que a proteção à integridade física e psicológica do acolhido esteja garantida por lei quando ele está em acolhimento, o olhar individualizado e as projeções de vida que um pai e uma mãe fazem para um filho nem sempre são feitas no ambiente institucional. Uma vez que haja o afastamento da família de origem, as equipes dos acolhimentos devem atuar no sentido de auxiliar o processo de reinserção familiar por meio dos atendimentos psicossociais das famílias, que deveriam ser periódicos e orientados por metas concretas e atingíveis, e assim, evitar longos períodos de institucionalização. Caso as

fragilidades das famílias biológicas sejam irreversíveis, a adoção constitui-se como a alternativa mais saudável para a criança e o processo deve ser complexo e cuidadoso, para que ela seja bem-sucedida. Os danos do retorno para o acolhimento em razão de um processo malsucedido de adoção ou de reinserção são extensos, podendo levar a problemas emocionais, sociais e comportamentais da criança.

Foi por entender os danos emocionais causados às crianças que retornam ao acolhimento institucional, devido a uma adoção mal sucedida que buscou-se compreender que aspectos psicológicos envolvem a adoção pela ótica dos profissionais atuantes nas diversas esferas do Sistema de Garantia dos Direitos da Criança e do Adolescente, visando compreender os impasses e desafios das relações parentais após a adoção e entender as demandas que chegam até o juizado da infância, acolhimentos e clínicas psicológicas particulares advindas dos adotantes no pós-adoção. A partir da fala desses profissionais, nota-se que desafios enfrentados pelas famílias adotivas que já foram abordados muitas vezes na literatura, ainda refletem na construção de vínculos seguros , dentre eles, o fantasma da família biológica, a origem da criança/adolescente, as expectativas desencontradas em relação ao filho que chega, a importância do lugar que esse filho ocupa no imaginário parental e a elaboração das questões emocionais dos adotantes.

A entrevistas com os profissionais e pais participantes deste estudo serviu para amparar a sistematização do "Programa travessia: um olhar sobre os aspectos emocionais da adoção e a construção de vínculos seguros". Durante as entrevistas, além de contar com o olhar dos profissionais, foram escutados pais e mães por adoção, dentre eles os que vivenciaram a interrupção da adoção. Considerando a escassez de estudos que escutam pessoas que interromperam a adoção, contar com a narrativa desses participantes pode ser considerado um ponto forte do estudo. Foi possível ponderar questões importantes e relevantes, de pontos já destacados na literatura, mas que geram insegurança nos adotantes e quando não bem elaborados, propiciam o pior desfecho para saúde emocional de uma criança/adolescente que é o retorno para o acolhimento institucional.

Cabe destacar uma fragilidade do estudo: o número de pais adotantes é consideravelmente menor que os profissionais participantes desse estudo. Estudos futuros podem contar com a visão de outros pais adotivos, enriquecendo a pesquisa. Importante lembrar que não objetivou no estudo a aplicabilidade do programa, e sim a sistematização. Desse modo, vale ressaltar a importância do seguimento do mesmo para validação do produto

construído e os resultados produzidos após a vivência de pais e mães adotantes que serão submetidos a aplicabilidade do programa.

Compreende-se a partir da realização do estudo a necessidade de mais estudos voltados para os aspectos emocionais envolvidos na interrupção da adoção, tanto por parte dos adotantes que se movem em direção a interrupção da adoção, como, nas crianças que vivenciam mais uma vez a quebra de vinculações e o abandono.

REFERÊNCIAS

ABAID, J. W. L., SIQUEIRA, A. C., & DELL'AGLIO, D. D. Implicações legais e desenvolvimentais do acolhimento institucional: Possibilidades e desafios em uma perspectiva psicológica. In D. M. Arpini & A. C. Siqueira (Eds.), **Psicologia, famílias e leis: desafios à realidade *brasileira*** (pp. 71-102). Santa Maria, RS: Editora UFSM, 2011.

ARPINI, D. M., NARCISO, I. S.B**. Reflexões sobre filiação adotiva: avanços e desafios no Brasil e em Portugal. Mudanças**. Psicologia da Saúde, 26 (1) 45-50, Jan.-Jun.(2018) DOI: https://doi.org/10.15603/2176-1019/mud.v26n1p45--50

ARPINI, D.M; Família e Instituição de Abrigo: Reconstruindo Relações. In: ARPINI, D.M**. Psicologia, Família e Instituição.** Santa Maria: Editora UFSM, 2009.

ARPINI, D. M. A nova Lei Nacional de Adoção e os desafios para a compreensão da família. In A. C. Siqueira, F. Jaeger & C. S. Kruel (Orgs.). **Família e violência: conceitos, práticas e reflexões críticas**. (pp. 67-76). Curitiba: Juruá,2013.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2004.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto imagem e som**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BENTO, R. Família substituta: uma proposta de intervenção na adoção tardia. **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo (SP), v.10, n. 2, p. 202-214, 2008.

BRASIL. Casa Civil. **Lei nº 12.010**, de 3 de agosto. *Diário Oficial da União*, p. 1. Recuperado em Julho, 2010, disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L12010.htm>

BRASIL. Conselho Nacional de Justiça. **Diagnóstico sobre o Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento/ Conselho Nacional de Justiça** – Brasília: CNJ, 2020.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. 13.ed. São Paulo. Atlas, 2006.

BOWLBY, Jonh. Comportamento de apego. (pp. 219-319). In **Apego e perda**. 3ed - São Paulo Martins Fontes, 2022.

BRODZINSKY, D., & SMITH, S. L. Commentary: Understanding research, policy, and practice issues in adoption instability. **Research on Social Work Practice**, *29*(2), 185-194, 2019. doi: https://doi.org/10.1177/1049731518782647

BRYAN, V., FLAHERTY, C., & SAUNDERS, C. Supporting Adoptive Families: Participant Perceptions of a Statewide Peer Mentoring and Support Program. **Journal of Public Child Welfare,** 4:19, 91-112, 2010. DOI: 10.1080/15548730903563178

COSTA, N. R. A., & ROSSETTI-F-ERREIRA, M. C. Tornar-se pai e mãe em um processo de adoção tardia. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 20(3), 425-434, 2007. DOI: 10.1590/S0102-79722007000300010

COSTA, L, F. CAMPOS, N,MV. A Avaliação Psicossocial no Contexto da Adoção: Vivências das Famílias Adotantes**. Psicologia: Teoria e Pesquisa**.Set-Dez 2003, Vol. 19 n. 3, pp. 221-230

FARIAS, L. C. **O fazer psicológico na Casa Lar**. Monografia apresentada como exigência parcial do curso de especialização em Psicologia: Saúde Comunitária. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Psicologia. Porto Alegre, 2012.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 2006.

GOMES, K. A adoção à luz da teoria winnicottiana. **Winnicott e-prints,** *1*(2), 1-18, 2006.

GOMES, Isabel Cristina e MARQUES, Rita Tropa Alves dos Santos e ISHARA, Yara. In Encontros e desencontros na adoção: o paradoxo da ilusão. **Adoção: desafios da contemporaneidade**. Tradução . São Paulo: Blucher, 2018

HUBER, M. Z., & SIQUEIRA, A. C. Pais por adoção: A adoção na perspectiva dos casais em fila de espera. **Psicologia: Teoria e Prática**, 12(2), 200-216, 2010.

INSTITUTO FAZENDO HISTÓRIA. **Programa Fazendo Minha História.** São Paulo, 2016

KRUEL, Cristina Saling.Ser pai e ser mãe: antigo desejo, novos desafios. In Lempek e coautores, **Tornando se pais e mães.** (pp. 12-18). Rio de Janeiro, editora Conquista, 2020.

LADVOCAT, C. As falhas da adoção no casal parental. In G. K. levinzon & a. d. lisondo (Orgs.), **Adoção: desafios da contemporaneidade** (pp.99-116). São Paulo, SP: Blucher, 2018.

LEMPEK, E. **De casal a pais: O que muda? In Lempek e coautores, Tornando se pais e mães.** (pp. 12-18). Rio de Janeiro, editora Conquista, 2020.

LEVINZON, G. K. (2006). **A adoção na clínica psicanalítica: o trabalho com os pais adotivos.** Mudanças: Psicologia da Saúde, *14*(1), 24-31

LEVINZON, G. K. Adoção e Falso Self: o dilema do bom adotado. In **Encontros e desencontros na adoção: o paradoxo da ilusão. Adoção: desafios da contemporaneidade.** Tradução . São Paulo: Blucher, 2018

MACHADO et al. **O mito de origem em famílias adotivas**. Psicologia USP , volume 30, e160102, 2019.

MACHADO, R. N. **Parentalidade e filiação adotivas: o que revelam e o que ocultam as narrativas dos pais**. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2014

MACHADO, R. N., FÉRES-CARNEIRO, T. F., & MAGALHÃES, A. S. Parentalidade adotiva: Contextualizando a escolha. **Psico,** *46*(4), 442-451, 2015. doi:10.15448/1980-8623.2015.4.19862.

MAHL. F.D. Et. Al. (2011). **O luto da gravidez perdida: infertilidade x adoção.** Id on line Revista de Psicologia. Ano 5, No. 14 Julho.

MALDONADO, M. T. P. Psicologia da Gravidez. Petrópolis: Vozes, 1997.

MARCILIO, M.L; A Roda de Expostos e a criança abandonada na História do Brasil. 1726-1950. In: FREITAS, M.C; **História Social da Infância no Brasil.** São Paulo, 1997.

MORELLI, A.B; SCORSOLINI-COMIN,F; SANTEIRO, T V. O "lugar" do filho adotivo na dinâmica parental: revisão integrativa de literatura**. Psic. Clin.,** Rio de Janeiro, vol. 27, n.1, p. 175-194, 2015

NABINGER, S. B. **Adoção: o encontro de duas histórias**. Santo Ângelo: FURI, 2010.

OLIVEIRA, R.S.Quero voltar para casa. São Paulo: **AASPTJ/SP,** 2007. Disponível em http://www.neca.org.br/wp-content/uploads/Livro6.pdf. Acesso em 15 agosto, 2021

PALACIOS, J. et. al. Adoption breakdown: concept, research, and implications. **Research on Social Work Practice,** *29*(2), 130-142, 2019. doi:https://doi.org/10.1177/1049731518783852

POKER, T.C.D. Políticas de identidade no sistema de acolhimento a crianças: a história de vida de uma pós-abrigada. **Psicologia e sociedade.** V 29. Pp.1-9. 2017, DOI: https://doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29171345

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

PRADA, C. G., WILLIAMS, L. C. A.,WEBER, L. N. D.N. Abrigo para crianças vítimas de violência doméstica: funcionamento relatado pelas crianças e pelos dirigentes. **Psicologia Teoria e prática,** vol.9, n.2, p. 14-25, 2017. 1516-3687.

RAMOS,F.P.A História Trágico-marítima das crianças nas embarcações portuguesas do século XVI. In: DEL PRIORE, M; **A História das Crianças no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2002.

RIEDE, J. E., SARTORI, G. L. Z. Adoção e os fatores de risco: do afeto à devolução das crianças e adolescentes. **Perspectiva,** Erechim. v.37, n.138, p.143-154,2013, junho.

RIZZINI,I; RIZZINI,I; **A Institucionalização de Crianças no Brasil.** Rio de Janeiro: PUC – Rio, 2004.

ROCHA, M. M., FREITAS, M. G. Intervenção para pais adotivos na perspectiva da análise do comportamento. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva,** 13(2), 33-45, 2011.

ROSSATO, J. G., FALCKE, D. Devolução de crianças adotadas: uma revisão integrativa da literatura. **Revista Da SPAGESP,** *18*(1), 128–139, 2017. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702017000100010&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt

ROSSETTI-FERREIRA, M.C et al. Acolhimento de crianças e adolescentes em situações de abandono, violência e rupturas**. Psicol. Reflex. Crit.** [online]. 2012, vol.25, n.2, pp.390-399. DOI: https://doi.org/10.1590/S0102-79722012000200021.

ROUDINESCO, E. **A família em desordem.** Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

RUBIO, M.I.J., AGOGLIA, I.S. “Siempre le he contado su historia”: prácticas y narrativas familiares sobre “los orígenes” en adopciones monoparentales. **Mana** 26(1): 001 – 035, 2006. DOI: http://doi.org/10.1590/1678-49442020v26n1a206

SAMPAIO, et al. Motivações para adoção tardia: entre o filho imaginado e a realidade. **Psicol. estud.,** v. 25,2020. e44926.

SCHACH, V.A**.** Roda dos expostos: Do abandono social histórico à vulnerabilidade afetiva de crianças na atualidade. **Revista Batista Pioneira**, V.4, N.1, pp. 75-89,2015.

SCHETTINI, AMAZONAS, DIAS. Famílias adotivas: identidade e diferença. **Psicologia em Estudo,** Maringá, v. 11, n. 2, p. 285-293, mai./ago. 2006

SCORSOLINI-COMIN, F.; AMATO, L. A.; SANTOS, M. A. Grupo de apoio para casais pretendentes à adoção: a espera compartilhada do futuro. **Revista da SPAGESP** - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo Jul.-Dez. 2006,

SOUZA, H., & CASANOVA, R. **Adoção e a preparação dos pretendentes: Roteiro para o trabalho nos grupos preparatórios.** Juruá, 2014.

SOUZA, Hália Pauliv. **Adoção Tardia: devolução ou desistência de um filho? A necessária preparação para Adoção.** Curitiba: Juruá, 2012.

SOUZA, H. P.; & CASANOVA, R. P. S. **Adoção e seus desafios**. Curitiba, PR: Juruá, 2018

TRIVIÑOS, A. N. da S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2008.

VERCEZE, F. A., SILVA, J. M., OLIVEIRA, K. M., & SEI. M. B. Adoção e a psicoterapia familiar: uma compreensão winnicottiana. **Revista da SPAGESP,** *16*(1), 92-106, 2015.

VERDI, M. T. Trabalhando os vínculos familiares – a questão da adoção. p. 23-31 Vínculo – **Revista do NESME,** 2010, v. 1, n. 7, p. 01-81 23

VIDIGAL, C; Acolhimento Institucional: Não se Pode Perder o Menino de Vista. In: SIQUEIRA, A.C; JAEGER, F.P; KRUEL, C.S. (coord). **Família e Violência:** Conceitos, práticas e Reflexões Críticas. Curitiba: Juruá editora, 2013

VYGOTSKY, L. S. et al. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Icone/EDUSP, 2006.

WINNICOTT, D. W.A comunicação entre o bebê e a mãe e entre a mãe e o bebê: convergências e divergências. In Winnicott, D. W. (1896-1971), **Os bebês e suas mães.** São Paulo: UBU editora. (Trabalho original publicado em 1968). 2020a

WINNICOTT, D. W. A contribuição da psicanálise à obstetrícia. In Winnicott, D. W. (1896-1971), **Os bebês e suas mães.** São Paulo: UBU editora. (Trabalho original publicado em 1957).2020b

WINNICOTT, D. W. As origens do indivíduo. In Winnicott, D. W. (1896-1971), **Os bebês e suas mães**. São Paulo. UBU editora (Trabalho original publicado em 1966).2020c

WINNICOTT, D. W.O recém-nascido e sua mãe. In Winnicott, D. W. (1896-1971), **Os bebês e suas mães**. São Paulo: UBU editora. (Trabalho original publicado em 1964).2006c

WINNICOTT, D. W. Adoção. In D. Winnicott (1997/1996), **Pensando sobre crianças.** Porto Alegre: Artes Médicas. Pp. 115-131 (Trabalhos originais publicados em 1953, 1954 e 1955)

WINNICOTT, D. W. A contribuição da mãe para a sociedade. In D. Winnicott (1896-1971), **Tudo começa em casa**. São Paulo: UBU editora. (Trabalho original publicado em 1957)

WINNICOTT, D. W **A Preocupação Materna Primária.In : Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas**. Rio de Janeiro: Imago, 2021.

WORLD HEALTH ASSOCIATION. Division of Mental Health. **Qualitative Research for Health Programmes**. Geneva: WHA, 994.

ZORNING, S.M.A-J. Tornar-se pai, tornar-se mãe**:** o processo de construção da parentalidade. **Tempo Psicanalítico**: Rio de Janeiro. V.42.2, P.453-470, 2015.

APÊNDICE A –TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Título do estudo: **"Um novo olhar: Proposta de intervenção clínica breve com mães e pais adotantes"**

Pesquisador responsável: Aline Cardoso Siqueira
Instituição/Departamento: Departamento de Pós-graduação em Ciências da Saúde da Universidade Federal de Santa Maria.
Telefone e endereço postal completo: (55) 3220-0000. Avenida Roraima, 1000, prédio 74B, sala 3205, 97105-970 – Santa Maria – RS[1].
Local da coleta de dados: Instituição Beneficiente Lar de Mirian e Mãe Celita

Eu, Aline Cardoso Siqueira, responsável pela pesquisa, o convidamos a participar como voluntário deste nosso estudo.

Essa pesquisa é um projeto de Dissertação apresentado ao curso de Mestrado Profissional em Ciências da Saúde da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do grau de **Mestre em Ciências da Saúde,** tendo como pesquisadoras Profª. Drª Aline Cardoso Siqueira e Mestranda Catiane da Silva Marques. Tem por objetivo compreender que aspectos psicológicos envolvem a adoção pela ótica dos profissionais atuantes nas diversas esferas do Sistema de Garantia dos Direitos da Criança e do Adolescente, a fim de sistematizar uma intervenção psicológica clínica focal para mães e pais adotantes. Para a coleta dos dados da pesquisa, será aplicada uma entrevista semi-estruturada intitulada Entrevista sobre o olhar para o pós adoção. Participarão desta pesquisa cerca de 10 a 15 participantes, profissionais que trabalham com demandas da adoção, entre eles juízes e promotores do Juizado da Infância e Juventude, psicólogos e assistentes sociais, atuantes em acolhimentos institucionais, no fórum, profissionais liberais que atuam com demandas relacionadas à adoção em suas clínicas privadas e coordenadores dos grupos de apoio e incentivo a adoção de cidades do estado do Rio Grande do Sul A coleta ocorrerá nos meses de Janeiro e Fevereiro de 2021. As entrevistas serão gravadas e posteriormente transcritas na íntegra, sendo apagadas do gravador logo após sua completa transcrição. Durante as entrevistas serão abordados temas relacionados a famílias no pós adoção e a percepção desses profissionais, abrindo-se espaço para as discussões que surgirão a partir das questões das entrevistas.. Destaca-se que a pesquisa possui por finalidade compreender e aprofundar o tema proposto a partir dos relatos produzidos nas entrevistas, garantindo sempre aos participantes o sigilo de suas identidades e relatos durante todo o processo. A pesquisa não oferece nenhum tipo de recompensa ou benefício direto para os participantes. Trata-se de um estudo de risco mínimo, uma vez que a pesquisa é de caráter informativo e não se refere a questões pessoais que mobilizem os participantes. Os benefícios da sua realização estão relacionados na construção de uma intervenção voltada para pais no pós adoção, minimizando os problemas futuros de aspectos emocional dos pais adotivo e das crianças adotadas.

Pelo presente Termo de Consentimento declaro que fui informado, de forma clara e detalhada, sobre os objetivos e justificativa da presente pesquisa, e estou de acordo em participar da mesma Fui igualmente informado: a) da liberdade de participar ou não da pesquisa, bem como do meu direito de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto me traga qualquer prejuízo; b) da garantia de receber resposta a qualquer dúvida acerca

dos assuntos relacionados com a pesquisa; c) da segurança de que não serei identificado e que se manterá o caráter confidencial das informações registradas; d) somente a equipe de pesquisa terá acesso às informações obtidas por meio dos instrumentos.

Agradecemos a colaboração dos participantes na realização desta atividade de pesquisa colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais com a pesquisadora do projeto Profª Drª Aline Cardoso Siqueira, que pode ser contatada pelo telefone (55) 3220-9231/98424-4223. Os contatos do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSM são: Av. Roraima, 1000 – Prédio da Reitoria – 7º andar – Sala 702 – Camobi – Santa Maria; telefone: (55) 3220-9362.²

_____

Assinatura Pesquisadora Responsável

Autorização: Eu _____ fui informado dos objetivos e procedimentos da pesquisa **"Um novo olhar: Proposta de intervenção clínica breve com mães e pais adotantes"**, pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, aceito participar do estudo. Declaro que estou ciente que tenho liberdade de retirar meu consentimento a qualquer momento sem prejuízo algum e que ficarei com uma cópia do termo.

Data ___/___/___

_____

Assinatura do participante

APÊNDICE B – ENTREVISTA

Sobre sua experiência profissional com famílias no pós-adoção, me diga:

1. Há quanto tempo você atua nesse cenário?
2. Como é o seu trabalho com famílias durante e após o período de convivência?
3. Quais os principais desafios você enfrenta ao trabalhar com as famílias nesse momento?
4. Quais os pontos fortes você identifica nas famílias que conseguem exercer a parentalidade adotiva de forma satisfatória?
5. Quais os principais impasses enfrentados pelas famílias, após conhecerem seus filhos?
6. Você consegue acessar as expectativas que os pais têm em ralação ao filho adotado?
   6.1 Se sim:
   - Como você acredita que essas expectativas atravessam a transição para a parentalidade?
   - Quais os pontos positivos você vê que colaboram para o fortalecimento da relação?
   - No seu ponto de vista, existem pontos negativos em relação à expectativa da família sobre a criança e adolescente?
   - Você acredita que muitos pais criam expectativas irrealistas em relação a maternidade ou paternidade, como você observa isso no trabalho com as famílias?
7. Você já acompanhou famílias que buscaram atendimento psicológico, além do oferecido pelo juizado?
   7.1 Se sim:
   - Observou alguma diferença no fortalecimento dos vínculos entre família e criança ou adolescente em ralação aquelas que não buscaram?
8. Você já acompanhou situações de interrupções de adoção?
   8.1 Se sim:
   -Quais motivos você acredita que favoreceram a interrupção?
   - Quais fatores você acredita que apresentam riscos para adoções malsucedidas?
   - Após a interrupção essas famílias passam por avaliação antes de entrarem na fila novamente?
   - Quais motivos são alegados pelos pais para a razão da dissolução, você tem acesso a isso?
9. Mesmo a adoção sendo uma medida excepcional e irrevogável, você nota que em alguns casos isso não é cumprido?
10. Você acredita que uma intervenção psicológica com pais no pós-adoção pode favorecer a transição para a parentalidade adotiva.
    10.1 Se sim:
    - Em que medida essa intervenção reduziria o índice de adoções malsucedidas
    - Você conhece algum serviço ou profissional qualificado em atender famílias no pós- adoção?
    - Se sim:
    - As famílias que adotam têm conhecimento?
    - Você orienta as famílias a buscarem esses serviços ou profissionais?

APÊNDICE B – ENTREVISTA PAIS

Sobre o tornar se pai/mãe pela via da adoção, me diga:

1. Há quanto tempo você tornou-se pai/mãe?
2. Me conta sobre essa decisão, como ela aconteceu, quanto tempo demorou desde a decisão tomada até estar com seu filho(a)?
3. Quais os principais desafios você enfrentou durante o tempo de espera?
4. Quais os principais desafios enfrentou após a chegada do seu filho(a)?
5. Quais as principais expectativas você tinha antes de conhecer seu filho(a) em relação a criança ou adolescente que chegaria?

6. Como você acredita que essas expectativas atravessaram a transição para a parentalidade?

7. Quais os pontos positivos você vê que colaboram para o fortalecimento da relação de vocês?

8. Em relação as expectativas que você tinha antes de conhecer seu filho alguma não foi atendida? Isso impactou na vinculação de vocês?

- Você acredita que criou algumas expectativas irrealistas em relação a maternidade ou paternidade?

8. Você buscou atendimento psicológico para você, além do oferecido pelo juizado?

8.1 Se sim:

- Observou alguma diferença no fortalecimento dos vínculos entre você e seu filho?
- Você conhece algum serviço ou profissional qualificado em atender famílias no pós- adoção?

APÊNDICE C – AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

Lar de Mirian
& Mãe Celita

AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

Eu Kellen G. de Oliveira abaixo assinado, responsável pela **Instituição Beneficente Lar de Mirian e Mãe Celita**, autorizo a realização do estudo **"Um novo olhar: Proposta de intervenção clínica breve com mães e pais adotantes"** a ser conduzido pelos pesquisadores Aline Cardoso Siqueira e Catiane da Silva Marques.

Fui informado, pelo responsável do estudo, sobre as características e objetivos da pesquisa, bem como das atividades que serão realizadas na instituição a qual represento.

Esta instituição está ciente de suas responsabilidades como instituição co-participante do presente projeto de pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infra-estrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Santa Maria, 07 de dezembro de 2020.

Kellen Gomes de Oliveira,
Coordenadora Administrativa.

Kellen Gomes de Oliveira
Coordenadora
CRESS 7293 - 10ª Região

95627873/0001-35
INSTITUIÇÃO BENEFICENTE LAR DE MIRIAN
E MÃE CELITA
Av. Maurício Sirotski Sobº, 51
CEP 97020-440
SANTA MARIA - RS

INSTITUIÇÃO BENEFICENTE LAR DE MIRIAN E MÃE CELITA
Utilidade Pública Municipal (Lei Municipal n.º 1.280/1967). Utilidade Pública Federal (Processo n.º 0.800-019448/97-51).
CNPJ sob o n.º 95.627.873/0001-35.
Sede Administrativa: Avenida Maurício Sirotsky Sobrinho, n.º 51 – Telefone (55) 3221 3981
E-mail: m.lardemirian@yahoo.com.br – CEP.: 97.020.440 – Santa Maria/RS

APÊNDICE D – TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

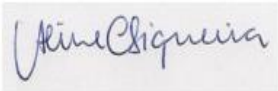
Título do projeto: Um novo olhar: Proposta de intervenção focal com pais adotantes
Pesquisador responsável: Aline Cardoso Siqueira
Instituição: Universidade Federal de Santa Maria
Telefone para contato: (55) 98424-4223
Local da coleta de dados: Instituição Beneficiente Lar de Mirian e Mãe Celita e Grupo de Apoio e Incentivo a adoção.

Os responsáveis pelo presente projeto se comprometem a preservar a confidencialidade dos dados dos participantes envolvidos no trabalho, que serão coletados por meio de entrevistas semi estruturadas na Instituição Beneficente Lar de Mirian e Mãe Celita e Grupo de Apoio e Incentivo a adoção.

Informam, ainda, que estas informações serão utilizadas, única e exclusivamente, no decorrer da execução do presente projeto e que as mesmas somente serão divulgadas de forma anônima, bem como serão mantidas no seguinte local: UFSM, Avenida Roraima, 1000, prédio 74B, Departamento de Psicologia, sala 3205, 97105-970 - Santa Maria - RS, por um período de cinco anos, sob a responsabilidade do pesquisador responsável. Após este período os dados serão destruídos.

Este projeto de pesquisa foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSM em ...../...../....., com o número de registro Caae .....

Santa Maria, 04 de dezembro de 2020



.....

Aline Cardoso Siqueira

APÊNDICE E – E-BOOK DO PROGRAMA

CRÉDITOS

ELABORAÇÃO

Psicóloga Catiane da Silva Marques

Supervisão:

Professora Dra. Aline Cardoso Siqueira

Identidade Visual: Fernanda Borges

PROGRAMA TRAVESSIA: UM OLHAR SOBRE OS ASPECTOS EMOCIONAIS DA ADOÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS SEGUROS

Introdução: Este caderno de atividades tem como objetivo, contribuir para qualificar as atividades desenvolvidas pelos profissionais aplicadores do programa "Travessia: um olhar sobre os aspectos emocionais da adoção e a construção de vínculos seguros", a fim de favorecer a transição para a parentalidade adotiva e os vínculos familiares, bem como prevenir a interrupção de adoções.

O material apresenta atividades direcionadas para cada tema do encontro, que servem de apoio para o planejamento dos encontros, a fim de encontrar maneiras dos pais entrarem em contato com temas relevantes do tornar-se pai e mãe pela via da adoção.

Pretende-se que este material estimule o profissional a atuar de maneira reflexiva e criativa, e que seja um disparador das possibilidades de trabalhar temas tão relevantes para a construção da parentalidade adotiva.

PROGRAMA TRAVESSIA: UM OLHAR SOBRE OS ASPECTOS EMOCIONAIS DA ADOÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS SEGUROS

Desse modo esse caderno de atividades, coloca em evidência alguns elementos: Os objetivos do programa, os eixos norteadores e os aspectos emocionais a serem trabalhados com pais adotantes.

Por meio de atividades direcionadas embasadas na teoria e em propostas de profissionais qualificados no que tange a adoção, o Programa propõe um lugar de escuta, acolhimento, elaboração das questões emocionais e troca de experiência entre os participantes.

O objetivo do programa é proporcionar para as famílias que optam por tornarem-se pais e mães pela via da adoção, um momento de preparação e acompanhamento dos principais desafios enfrentados na parentalidade adotiva. O programa foi estruturado a partir da escuta de profissionais envolvidos nos processos de adoção e de pais adotivos.

PROGRAMA TRAVESSIA: UM OLHAR SOBRE OS ASPECTOS EMOCIONAIS DA ADOÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS SEGUROS

A partir dessa escuta, foram elencados os principais pontos que poderiam ser abordados no programa a fim de favorecer um bem-sucedido processo de adoção.

O material foi desenvolvido no programa de Pós-graduação em Ciências da Saúde pela psicóloga mestranda Catiane Marques sob orientação da professora Dra. Aline Siqueira.

- Guia do facilitador

Encontros:

Encontro 1:

Quem é o seu filho que chega? Como me preparar para recebê-lo?

Objetivo do encontro: Situar os pais sobre a transição para a parentalidade, tendo em vista que esta tende a ser uma transição significativa, intensa e estressante. O que muda com a chegada de um filho, refletir sobre a posição dos pais nesse novo momento.

PROGRAMA TRAVESSIA: UM OLHAR SOBRE OS ASPECTOS EMOCIONAIS DA ADOÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS SEGUROS

Materiais utilizados: bola, flipchart, folhas A4

-Introdução e boas vindas

-Dinâmica de apresentação

1- Perguntas na bola de praia

Objetivo da dinâmica: Apresentação dos participantes de maneira descontraída e divertida

Pegue uma bola de praia e uma caneta. Escreva perguntas abertas ao redor da bola. Entregue aos integrantes da dinâmica de apresentação e dê-lhes um tempo para que fiquem jogando de forma a mais descontraída possível, até que você dê o comando: "segura".

Quem estiver com a bola deve falar seu nome, idade, profissão e responder à pergunta que o polegar direito estiver indicando. Em seguida, o participante deverá jogar para outra pessoa, que repetirá o processo. Essa é uma maneira fácil, divertida e sem estresse das pessoas se conhecerem.

PROGRAMA TRAVESSIA: UM OLHAR SOBRE OS ASPECTOS EMOCIONAIS DA ADOÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS SEGUROS

Sugestões de perguntas:

- Que idade tem seu filho?
- Quanto tempo faz que você se tornou pai ou mãe?
- O que você gosta de fazer com sua família?
- Qual seu maior desejo?
- Qual o seu maior receio?
-

2- Jogo das três coisas em comum:

O objetivo dessa atividade é quebrar o gelo entre os participantes e que eles encontrem coisas que eles tenham em comum.

Divida os participantes em grupos de 03 pessoas em um tempo de 10 minutos peça que eles encontrem entre eles três coisas que tenham em comum relacionado à parentalidade adotiva, exemplo tempo da fila de espera, dificuldades enfrentadas no processo de adoção, motivos para adotar. Após 10 minutos, peça que falem para o grande grupo as 03 coisas em comum, o facilitador reúne as similaridades do grupo como um todo.

PROGRAMA TRAVESSIA: UM OLHAR SOBRE OS ASPECTOS EMOCIONAIS DA ADOÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS SEGUROS

Encontro 2:

"Expectativas: vilãs ou mocinhas?"

Objetivos do encontro: Proporcionar aos participantes um momento de reflexão sobre os aspectos emocionais dos pais, envolvidos nas expectativas criadas em relação ao filho que chega, comportamentos esperados, relação estabelecida. O que depende dos pais?

Materiais Utilizados: Folha A4 com um desenho de uma lâmpada, bexigas coloridas

Acolhimento: Peça para os participantes compartilharem seus pensamentos sobre a Tarefa. Recapitule as principais ideias do Encontro 1.

Slides: Serão aprofundados elementos relacionados às expectativas para a parentalidade. A expectativa em relação ao filho que será adotado se refere à idealização que os pais fazem dos seus filhos, o filho perfeito, saudável, que se assemelhe aos pais, com comportamento que possam ser facilmente moldados

PROGRAMA TRAVESSIA: UM OLHAR SOBRE OS ASPECTOS EMOCIONAIS DA ADOÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS SEGUROS

Resumo da sessão: Além dessa sessão ser o momento inicial do grupo, onde estão se conhecendo, nesse encontro será abordado as questões iniciais da chegada do filho, que muda, as necessidade da criança e como se veem como pais e mães.

Tarefa para casa:

Explicar sobre um desafio, que acontecerá durante as sete semanas do grupo, cada semana o participante deverá escrever um texto, uma poesia ou uma carta, relacionado ao processo de tornar-se pai e mãe. Ao final dos encontros, reuniremos todos os textos do grupo e será feito um ebook e cada participante terá a possibilidade de guardar como lembrança daquilo que foi produzido e pensado nos encontros.

PROGRAMA TRAVESSIA: UM OLHAR SOBRE OS ASPECTOS EMOCIONAIS DA ADOÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS SEGUROS

Encontro 2:

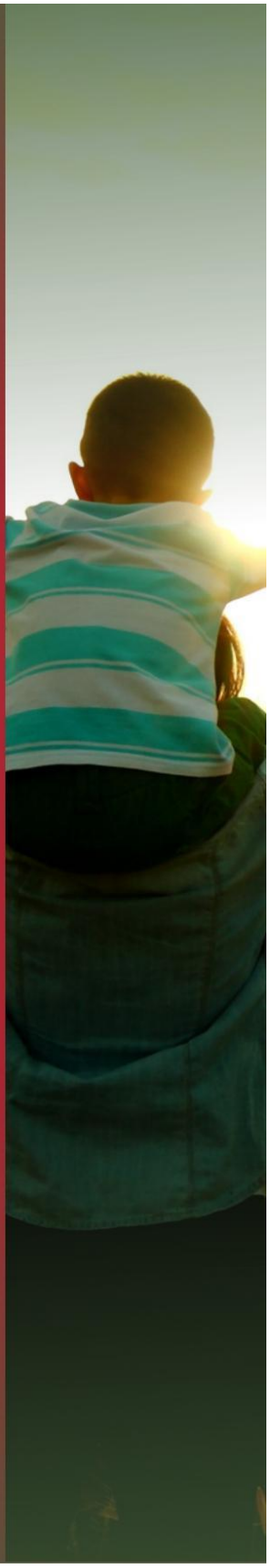
"Expectativas: vilãs ou mocinhas?"

Objetivos do encontro: Proporcionar aos participantes um momento de reflexão sobre os aspectos emocionais dos pais, envolvidos nas expectativas criadas em relação ao filho que chega, comportamentos esperados, relação estabelecida. O que depende dos pais?

Materiais Utilizados: Folha A4 com um desenho de uma lâmpada, bexigas coloridas

Acolhimento: Peça para os participantes compartilharem seus pensamentos sobre a Tarefa. Recapitule as principais ideias do Encontro 1.

Slides: Serão aprofundados elementos relacionados às expectativas para a parentalidade. A expectativa em relação ao filho que será adotado se refere à idealização que os pais fazem dos seus filhos, o filho perfeito, saudável, que se assemelhe aos pais, com comportamento que possam ser facilmente moldados



PROGRAMA TRAVESSIA: UM OLHAR SOBRE OS ASPECTOS EMOCIONAIS DA ADOÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS SEGUROS

em alguns caso essa expectativa pode estar relacionado ao desejo da criança ser mais parecida com os pais adotivos, sendo mais fácil encobrir o medos em relação a origem do filho adotivo

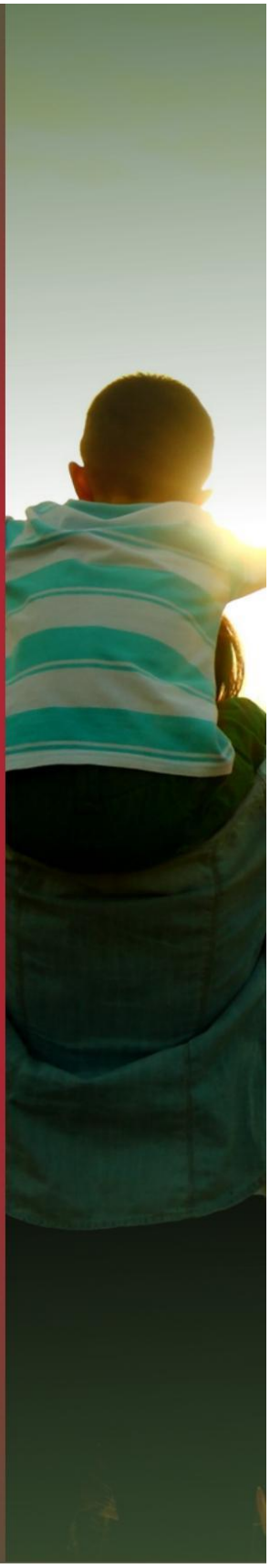
Atividade 1: Lâmpada mágica

Divida os participantes em grupos de 4 pessoas e entregue uma lâmpada em uma folha A4. Diga aos participantes que eles encontraram uma lâmpada mágica e que podem fazer três pedidos relacionados a maternidade/paternidade e sobre o que eles esperam dos filhos. Espere 5 minutos e peça para os participantes falarem seus pedidos, coloque no flipchart/lousa e faça o encerramento relacionando os pedidos com o conteúdo trabalhado.

Atividade 2:

Recursos para dinâmica o equilíbrio das expectativas

Execução da dinâmica: cada participante deve receber uma bexiga e deverá encher sua bexiga o máximo que conseguir, sem segurar e sem estourá-las.



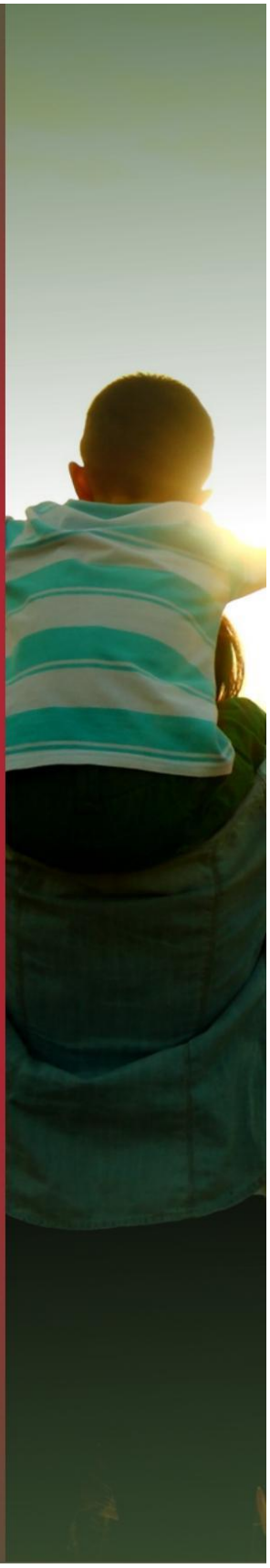
PROGRAMA TRAVESSIA: UM OLHAR SOBRE OS ASPECTOS EMOCIONAIS DA ADOÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS SEGUROS

Ao final, mesmo com muito cuidado, muitas bexigas terão sido estouradas

Finalize a dinâmica explicando da seguinte forma: se paro de encher a bexiga, contento-me com algo pequeno talvez por medo. Se encho demais e estouro, eu erro. Nas expectativas não é diferente, se controlo a situação, eu tenho uma bela bexiga.

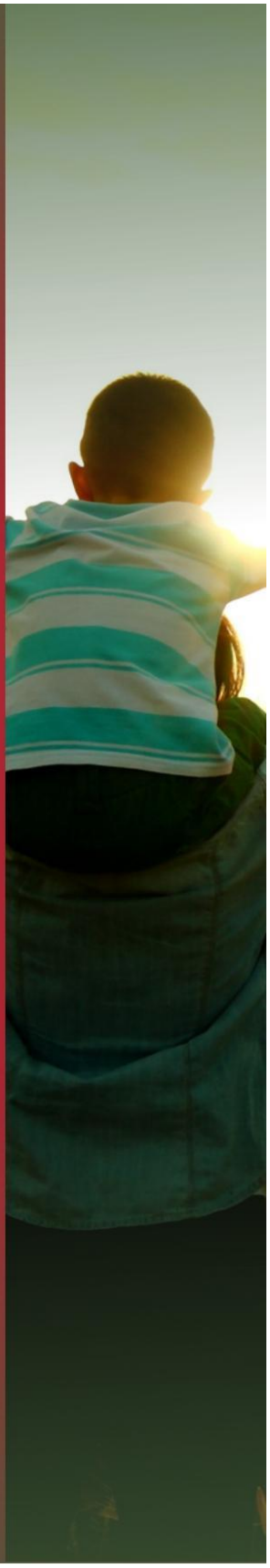
Devemos sempre encontrar nosso ponto de equilíbrio em tudo o que fazemos. A maneira como criamos e elaboramos as expectativas dos nossos filhos afeta diretamente nossa vinculação, como no caso da bexiga.

Após a dinâmica, entregar folhas A4, para que eles listem as expectativas atendidas e não atendidas.
Após discutir no grande grupo como isso impacta na vinculação.
Resumo da sessão: Trabalhar com os pais aspectos relacionados às expectativas criadas em relação ao filho, através da ludicidade, propor diálogo



PROGRAMA TRAVESSIA: UM OLHAR SOBRE OS ASPECTOS EMOCIONAIS DA ADOÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS SEGUROS

Tarefa para casa: Pedir para os participantes trazerem fotos ou objetos que marcaram momentos importantes da vida deles, para realizar uma atividade no encontro 3.



PROGRAMA TRAVESSIA: UM OLHAR SOBRE OS ASPECTOS EMOCIONAIS DA ADOÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS SEGUROS

Encontro 3:

O lugar simbólico do filho na família

Objetivo do encontro: Refletir sobre quais adaptações foram necessárias com a chegada do filho, tanto adaptações ambientais, sociais, quanto psíquicas, como também refletir sobre o sentimento de pertença e a importância desse lugar para a constituição psíquica da criança ou adolescente.

Materiais utilizados: Papel pardo, fita durex ou cola, lápis de cor, canetinhas.

Slides: Os slides abordarão os assuntos relativos ao tema do encontro, dentre eles, qual lugar esse filho ocupa, quais adaptações são necessárias, o sentimento de pertença de crianças adotadas, como esses fatores influenciam sua constituição psíquica.

Atividade 01

Linha da vida:

PROGRAMA TRAVESSIA: UM OLHAR SOBRE OS ASPECTOS EMOCIONAIS DA ADOÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS SEGUROS

Oferecer papel pardo para cada participante e pedir que eles construam uma linha colocando em ordem os eventos mais importantes ou que marcaram aquele evento, seja através de fotos, objetos ou desenhos, do nascimento até o momento atual.

Após, aprofundar o significado de cada elemento representado. Fazer uma análise reflexiva, guiada por perguntas como: o que mudou em mim como resultado dessa vivência? O que eu perdi e o que ganhei nesse momento? Essa experiência está superada? O que eu mudei com a chegada do meu filho? Qual lugar ele ocupa na nossa família?

Resumo do encontro: A partir da própria experiência dos pais, poder trabalhar aspectos relevantes sobre sentimentos de pertença, o lugar que eles ocuparam em sua infância e como se sentem em relação a isso, traçando um paralelo com a infância e as vivências dos filhos.

PROGRAMA TRAVESSIA: UM OLHAR SOBRE OS ASPECTOS EMOCIONAIS DA ADOÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS SEGUROS

Tarefa para casa: Realizar a mesma atividade realizada no grupo em casa com o seu filho, caso tenha idade adequada.

Encontro 4:
De filho adotivo ao filho, de homem/mulher a pai e mãe

Objetivo do encontro: Ampliar o conhecimento dos participantes sobre o papel da família no desenvolvimento e na saúde mental das crianças e adolescentes, bem como qual seu papel na construção dos vínculos seguros estabelecidos e na aquisição de novas habilidades parentais. Além de entender as próprias emoções para conseguir entender a dos seus filhos.

Materiais Utilizados: Flipchart, folha A4
Atividade: Peça que o grupo se organize em duplas e conversem sobre aquilo que poderiam 'dar' para o grupo, e aquilo que gostariam de 'receber', em termos de qualidades pessoais, habilidades, conhecimentos,

PROGRAMA TRAVESSIA: UM OLHAR SOBRE OS ASPECTOS EMOCIONAIS DA ADOÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS SEGUROS

desejos especiais e sonhos. Depois das conversas, peça que todos compartilhem com o grupo e faça uma relação escrita no quadro para que todos possam ver, além de ouvir, as intenções. Aprender sobre quem eu sou e me aceitar. Perceber o que sinto e aprender a lidar tranquilamente com as emoções.

Quando as pessoas falam sobre emoções, costumam classificá-los em bons e ruins. Convide os participantes a nomearem alguns exemplos de emoções ditas boas e ruins. Escreva no flip chart as emoções citadas. Promova uma reflexão, contextualizando algumas delas, para compreender quais são as reações que acontecem em consequências dessas emoções. Listar respostas.

Exemplo: Medo. Ao pensarmos sobre o medo, ele aparece como ruim, porque ninguém gosta de sentir medo. Mas se pensarmos numa situação que provoca medo, como por exemplo: quando você tem a sensação que vai cair. O que você faz?

PROGRAMA TRAVESSIA: UM OLHAR SOBRE OS ASPECTOS EMOCIONAIS DA ADOÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS SEGUROS

As emoções não são boas nem ruins, elas têm uma função quando aparecem. Precisamos ficar atentos a elas, pois, em qualquer situação, primeiro, sentimos, depois pensamos no que fazer.

Por essa razão, precisamos saber dar nome para o que sentimos, para saber o que fazer com o que o nosso corpo sinaliza.

Função do medo nesta situação: provoca a reação de se proteger, se segurar, buscar ajuda, entre outras.

Proponha que se dividam em grupos menores e listem os nomes das emoções que já tiveram ou conhecem e anote numa cartolina, à medida que os participantes forem falando. Por exemplo:

agitado terrível triste contente nervoso relaxado deprimido indefeso maldoso hostil miserável invejoso por baixo livre amedrontado sem motivação assustado rejeitado audacioso diferente encantado não compreendido amável amoroso bom desejoso culpado preocupado não amado confuso confiante sem esperança forte tímido feliz em paz amado maravilhoso calmo inseguro

PROGRAMA TRAVESSIA: UM OLHAR SOBRE OS ASPECTOS EMOCIONAIS DA ADOÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS SEGUROS

Depois de feita a lista, peça que em grupos pensem e falem as definições de cada uma e em que ocasião esse tipo de sentimento pode surgir.

Observe como podem ter diferentes significados para as diferentes pessoas.

Ainda em grupos, peça que conversem sobre como as suas famílias de origem expressavam os seguintes sentimentos quando eram crianças:

RAIVA AMOR TRISTEZA ALEGRIA INTERESSE UM PELO OUTRO

Leve-os a refletir sobre o que gostariam de manter em suas famílias de agora, em relação ao que aprenderam na sua família (da época da infância e adolescência, por exemplo), sobre como expressar esses sentimentos. Depois de um tempo, abra a discussão no grupo grande.

· Como foi falar sobre os sentimentos? Foi fácil? Foi difícil?

· Vocês já tinham pensado sobre o que significam os sentimentos?

· O que descobriram nesta experiência?

PROGRAMA TRAVESSIA: UM OLHAR SOBRE OS ASPECTOS EMOCIONAIS DA ADOÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS SEGUROS

· Como vocês podem utilizar esse exercício na sua vida diária?

Os sentimentos não são certos ou errados. Eles são mensagens a serem interpretadas, registradas e transmitidas. Eles carregam mensagens importantes, por isso devemos escolhê-las com cuidado. Ouvir os sentimentos é fundamental para você saber o que fazer. Os sentimentos são tão importantes quanto à lógica para se tomar decisões e podem nos avisar sobre problemas à frente ou importantes oportunidades. Ter autocontrole implica em saber reconhecer e nominar suas emoções, de modo a conseguir vivenciar de maneira mais consciente.

Resumo do encontro: Proporcionar aos pais reflexões sobre seus próprios sentimentos e como ocorre a construção da maternidade e paternidade, os exemplos que tiveram, como foram cuidados e como cuidam de seus filhos.

Tarefa para casa: Observar quais as principais emoções do seus filhos tem mais dificuldade em lidar e trazer anotado para o próximo encontro.

PROGRAMA TRAVESSIA: UM OLHAR SOBRE OS ASPECTOS EMOCIONAIS DA ADOÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS SEGUROS

Encontro 5:

A criança e o seu mundo: Importância da história de vida da criança/adolescente

Objetivo do encontro: Refletir sobre a importância da história de vida da criança e como ela influência no desenvolvimento da criança e adolescente e na vinculação com os pais

Acolhimento: Fazer o fechamento do encontro anterior falando sobre as emoções observadas nos filhos.

Material utilizado: Folha A4, lápis, caneta

Atividade 1

Convide os pais para fazerem uma viagem ao longo das gerações de sua família - momento em que poderão visualizar as expressões de potencialidades, habilidades, repetições, lealdades, rupturas nos relacionamentos, formas de se relacionar, sequência de eventos, narrativas construídas e valores. A ideia é perceber /mapear o que passa de uma geração a outra e o que querem seguir transmitindo para seus filhos.

PROGRAMA TRAVESSIA: UM OLHAR SOBRE OS ASPECTOS EMOCIONAIS DA ADOÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS SEGUROS

Peça que eles tentem se lembrar das histórias que ouviram e das memórias que guardam sobre os seus pais, avós, bisavós, tataravós e etc, as pessoas de sua família. A ideia é identificar e listar em um papel sulfite os traços de personalidade, as características que eles tinham, a maneira como educavam.

Entre esses traços e características, quais deles vocês carregam consigo e gostam e quais não gostam mas mesmo assim repetem com seus filhos.

Atividade 2

O profissional distribui as folhas de papel e os lápis e convida os participantes a imaginarem que têm na sua mão o livro da sua própria vida escrito por um terceiro.. Convida-se os participantes a fecharem os olhos e a visualizarem o primeiro capítulo. Em seguida cada participante deverá escrever na sua folha de papel como gostariam que iniciassem a narração da sua vida.

PROGRAMA TRAVESSIA: UM OLHAR SOBRE OS ASPECTOS EMOCIONAIS DA ADOÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS SEGUROS

A biografia pode começar em qualquer momento, não necessariamente no nascimento, no momento que eles acham mais significativo e escrever a última página do livro, permitindo que os participantes possam escolher qualquer final em qualquer idade, não tendo necessariamente que terminar com a morte do protagonista.

Após todos os participantes terem escrito a primeira e a última página do seu livro, os participantes que se sentirem à vontade lêem-se os textos que podem ser comentados pelos diversos membros do grupo.

O Facilitador deverá estar atento ao ponto de partida das narrações, pois esta escolha poderá revelar os condicionantes da sua vida, os bons e os maus: Quais as personagens que aparecem na história?; A história começa com os pais?; A história é dramática ou revestida de humor? O nascimento do protagonista era esperado pelos familiares?; etc

PROGRAMA TRAVESSIA: UM OLHAR SOBRE OS ASPECTOS EMOCIONAIS DA ADOÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS SEGUROS

A discussão em grupo pode ajudar os participantes a tomarem maior consciência individual sobre a percepção do seu próprio papel no mundo e como suas histórias impactaram suas vidas, após refletir sobre a importância de valorizar a história do seu filho, sendo ela difícil ou não faz parte do seu desenvolvimento e da sua constituição.

Que livros vocês estão escrevendo junto com eles?

Resumo do encontro: Proporcionar aos participantes um momento de reflexão sobre a importância da história de vida dos seus filhos, a partir da sua própria vivência.

Tarefa: Vir para o próximo encontro com sapatos fáceis de calçar e confortáveis.

PROGRAMA TRAVESSIA: UM OLHAR SOBRE OS ASPECTOS EMOCIONAIS DA ADOÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS SEGUROS

Encontro 6:

O desenvolvimento infantil e suas fases do nascimento à adolescência

Objetivo do encontro: situar os participantes sobre as principais fases do desenvolvimento, comportamentos típicos de cada fase. Além de proporcionar um momento de reflexão sobre como eles têm olhado para seus filhos, se conseguem ver para além do comportamento, o que está envolvido.

Material utilizado:

Atividade 1: Caixa de som, sapatos dos próprios participantes

Solicite aos participantes do grupo que caminhem pela sala, olhando uns nos olhos dos outros. Dê as instruções em voz alta, fazendo pequenas pausas para dar tempo aos participantes de se encontrarem e olharem uns para os outros. Oriente que olhem para o corpo e os detalhes de cada pessoa com quem se encontram e continuem a caminhar e a olhar nos olhos. Mantenha a instrução verbal durante 3 a 4 minutos, dependendo do tamanho do grupo.

PROGRAMA TRAVESSIA: UM OLHAR SOBRE OS ASPECTOS EMOCIONAIS DA ADOÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS SEGUROS

Aos poucos, peça que parem, formando uma grande roda. Cada um dos participantes deve ficar, fisicamente, o mais próximo possível do outro. Oriente que olhem bem para o companheiro à sua direita e que interajam, percebam alguns detalhes. Oriente a perguntar o nome dessa pessoa e que ambos se apresentem. Solicite que se imaginem no lugar da pessoa: Como é sentir-se como ela(e)?

Instrua a fazer o mesmo com o(a) companheiro(a) da esquerda. Em seguida, peça para cada um trocar o sapato do pé direito com o(a) companheiro (a) à sua direita e pergunte: Como você se sente? Como é estar com um pé de seu sapato e o outro de alguém diferente, de salto diferente, com outro estilo, tamanho?

Agora, oriente que troquem o sapato do pé esquerdo com o colega da esquerda e peça que avaliem como se sentem tendo um sapato diferente em cada pé e de pés diferentes. Peça que caminhem pela sala com cuidado para não caírem e que compartilhem uns com

PROGRAMA TRAVESSIA: UM OLHAR SOBRE OS ASPECTOS EMOCIONAIS DA ADOÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS SEGUROS

os outros as sensações. Depois de 2 minutos, aproximadamente, oriente que cada um volte ao seu lugar e destroque os sapatos.

Reúna o grupo em círculo novamente. Peça que os participantes comentem a experiência durante a atividade e digam os resultados que conseguiram.
Existem diferentes formas de se aproximar de outras pessoas e conviver com elas. Aproximar-se e se colocar no lugar de outra pessoa, ajuda a compreender melhor as dificuldades que cada um passa e diminui os nossos preconceitos.

Empatia é a capacidade de se colocar no lugar do outro, buscando avaliar os seus sentimentos, suas sensações, seus problemas. Trata-se de uma condição de aceitação de outra pessoa sem julgamento e/ou preconceito. Já a cooperação pressupõe que os indivíduos se preocupem com os outros, pensem no coletivo e que valorizem as ações dos seus companheiros. Com empatia, colocar-se no lugar do outro, é mais fácil agir de forma cooperativa.

PROGRAMA TRAVESSIA: UM OLHAR SOBRE OS ASPECTOS EMOCIONAIS DA ADOÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS SEGUROS

Como foi andar com o sapato do colega?

Vamos imaginar seu filho andando com os seus sapatos, a maneira como ele se sente, quando você determina algumas regras e modo de ser?

Você tem conseguido ser empático na relação com seu filho? Se coloca no lugar dele?

A fase do desenvolvimento condiz com os comportamentos que você espera dele?

Resumo da sessão: Além das vivências práticas, alertá-los sobre as fases do desenvolvimento infantil do nascimento à adolescência e o que cada criança necessita em relação aos aspectos emocionais.

Tarefa para casa: Lembrar de trazer os textos, poesias, histórias confeccionadas ao longo dos encontros, como proposto no primeiro dia do grupo

PROGRAMA TRAVESSIA: UM OLHAR SOBRE OS ASPECTOS EMOCIONAIS DA ADOÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS SEGUROS

Encontro 7:

Objetivo do encontro: troca de experiências entre os pais, como se viram durante o processo, pontos mais relevantes, o que mudou em suas percepções , os aprendizados e como foi a experiência de pertencer ao grupo.

Apresentação do curta metragem Float - Reflexões do grupo

Convide os participantes a pensarem sobre qual seria o seu Desejo Mágico. Em uma folha A4, devem escrever ou desenhar: - Se tivessem um desejo mágico e pudessem mudar três coisas em relação à vida familiar de vocês, o que mudariam?

Depois de alguns instantes, todos que desejarem, podem compartilhar os seus desejos mágicos. Pergunte sobre os aspectos que não podem mudar e, depois, como fariam para mudar o que podem. No final, aborde os sentimentos, ideias que tenham sobre o que é importante nas famílias, discuta e avalie com eles como ficariam as mudanças mágicas. Apresente, em uma cartolina colocada na parede, uma lista de situações para que os participantes se recordem.

PROGRAMA TRAVESSIA: UM OLHAR SOBRE OS ASPECTOS EMOCIONAIS DA ADOÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS SEGUROS

Divididos em trios, peça que conversem sobre estas situações e pontuem o que mais lhes marcou e quais dessas situações gostariam de passar adiante aos seus filhos.

É importante que anotem palavras-chave sobre essas experiências. Leia com eles as situações propostas:

· Como são as celebrações e festa na sua família em datas especiais (exemplos: aniversários, Natal, Páscoa, Ano Novo)? · Quais são os lugares especiais que sua família gostava de passear, visitar e viajar (exemplos: casa dos avós, algum parque, praça, etc)?

· Que atividades gostosas você fazia com seu(suas) cuidadores(as)? (exemplos: Pescar, jogar bola, cozinhar, cuidar da criação, plantar, etc).

· Que lembranças das histórias da família que eram contadas a você? (exemplo: Sobre quem eram, o que faziam, de onde vieram, etc).

· Que lembranças engraçadas ou divertidas foram vividas pela sua família? · Algum momento de estresse ou dificuldade pela qual passou na sua vida, em qualquer idade, pense especialmente quando era bem jovem.

PROGRAMA TRAVESSIA: UM OLHAR SOBRE OS ASPECTOS EMOCIONAIS DA ADOÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS SEGUROS

· O que ajudou você, sua família a superarem essa situação?

Após a conversação, peça para um representante do grupo apresentar um resumo da conversa realizada, destacando as marcas positivas trazidas para a vida, através da vivência dessas situações.

Ouça as sínteses dos trios e ressalte a importância da vivência desses tipos de situações para a vida atual deles e o quanto essas experiências boas lhes fortaleceram enquanto pessoas, referindo-se à construção de sua identidade. Seguem algumas perguntas que poderão auxiliar a refletir com o grupo:

· Como foi identificar a presença destas situações na vida de vocês? · Como se sentiram compartilhando com os trios?

· Tiveram descobertas? O que levarão hoje daqui?

ENCERRAMENTO

Referência utilizada no encontro 1: Kruel, Cristina Saling. (2020) Ser pai e ser mãe: antigo desejo, novos desafios. In Lempek e coautores, Tornando se pais e mães. (pp. 12-18). Rio de Janeiro, editora Conquista.

Referência utilizada no encontro 2: LEVINZON, G. K. (2006). A adoção na clínica psicanalítica: o trabalho com os pais adotivos. Mudanças: Psicologia da Saúde, 14(1), 24-31

LEVINZON, G. K. Adoção e Falso Self: o dilema do bom adotado. In Encontros e desencontros na adoção: o paradoxo da ilusão. Adoção: desafios da contemporaneidade. Tradução . São Paulo: Blucher, 2018

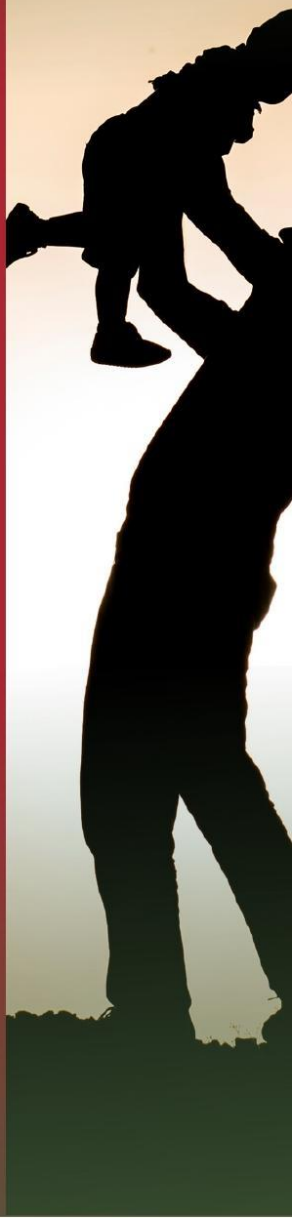
Referência utilizada encontro 3: MORELLI, A.B; SCORSOLINI-COMIN,F; SANTEIRO, T V. O "lugar" do filho adotivo na dinâmica parental: revisão integrativa de literatura. Psic. Clin., Rio de Janeiro, vol. 27, n.1, p. 175-194, 2015

Referência utilizada no encontro 4: MACHADO et al. (2019). O mito de origem em famílias adotivas. Psicologia USP , volume 30, e160102

ENCERRAMENTO

Referência utilizada no encontro 5: Ladvocat, C. (2018). As falhas da adoção no casal parental. In G. K. Levinzon & A. D. Lisondo (Orgs.), Adoção: desafios da contemporaneidade (pp.99-116). São Paulo, SP: Blucher

Referência Utilizada no encontro 6: Dias, E. O. (2017). A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott. Rio de Janeiro: Imago Editora



@PSICOLOGACATIANEMARQUES